ESPECIAL PLACAR

A SAGA DA

Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

fascículo 5 1954 SUÍÇA

O milagre de Berna

Uma Seleção favorita pega outra meio desacreditada no confronto decisivo da Copa do Mundo e perde de maneira imprevista. Assim como já tinha ocorrido em 1950, a final de 1954 ficou para a história como uma das grandes surpresas do esporte – maior até do que o 2 x 1 do Uruguai sobre o Brasil em pleno Maracanã. Basta lembrar que se enfrentavam no estádio Wankdorf, em Berna, a poderosa Hungria (defendendo uma invencibilidade de quatro anos e 31 partidas) e a apenas esforçada Alemanha (que, atuando com um time reserva, havia apanhado para os mesmos húngaros por 8 x 3 na primeira fase do Mundial). A vitória foi tão inesperada que 50 anos depois os próprios alemães produziram um filme e o batizaram com o nada sutil nome de *O Milagre de Berna* (aliás, a fita foi exibida por aqui recentemente e merece ser vista, em DVD, sobretudo pela brilhante recriação, de forma coreografada, dos lances e dos gols). Pois é essa aventura, mais uma "pirraça" dos deuses do futebol, que Max Gehringer relata no quinto fascículo da saga da Jules Rimet. Dos preparativos, na Suíça, às posteriores acusações de que a equipe germânica entrou em campo dopada, única explicação até hoje plausível para o inacreditável triunfo, todos os detalhes do torneio estão nestas páginas (inclusive, é claro, o tabelão com os 26 jogos disputados, a lista com os integrantes da delegação verde-amarela e um perfil de cada um dos campeões). Mais uma vez, os brasileiros voltaram para casa derrotados – e com a sensação crescente de que estávamos destinados a morrer sempre na praia. Mas a última frase do último texto desta edição mostra que essa sina estava prestes a mudar. É o que veremos no mês que vem, quando Max vai contar tudo sobre a Copa de 1958, na Suécia.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai **1930**
Fascículo 2 Itália **1934**
Fascículo 3 França **1938**
Fascículo 4 Brasil **1950**
Fascículo 5 Suíça **1954**
Fascículo 6 Suécia **1958**
Fascículo 7 Chile **1962**
Fascículo 8 Inglaterra **1966**
Fascículo 9 México **1970**

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Ninguém segura a Hungria

O governo comunista de Budapeste transformou os atletas em soldados e criou uma Seleção imbatível, que jogou 27 vezes de junho de 1950 até a estréia na Copa e ganhou 23 e empatou 4

A Suíça foi eleita para organizar da Copa de 1954 em 1946, no congresso da Fifa em Luxemburgo (o mesmo que deu ao Brasil o direito de promover o Mundial de 1950). Havia vários motivos para escolher o pequeno país europeu e um deles era o cinqüentenário da própria Fifa, cuja sede ficava (e fica até hoje) em Zurique. Um grupo encabeçado por Ernst Thommen, presidente da Federação Suíça de Futebol, começou a preparar o torneio em 1949. Faziam parte do comitê organizador o onipresente francês Henri Delaunay, o inglês Stanley Rous, o italiano Ottorino Barassi, o uruguaio Lorenzo Villizio e o holandês Karel Lotsy. Evidentemente, uma preocupação importante era fechar as contas no azul. Para isso, em 1953 tiveram início os trabalhos de arrecadação de fundos, por meio do licenciamento do emblema da Copa em souvenires e programas e da venda de selos e de espaço para propaganda.

Pela primeira vez, foram negociados os direitos de transmissão – para rádio e TV – e de filmagem. Assim, a Copa de 1954 foi a primeira a ter um filme oficial, preservando em celulóide, para as futuras gerações, os lances e os gols. E foi também a primeira a ter transmissões televisivas ao vivo – mas apenas para oito países europeus: França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, Dinamarca e a própria Suíça, é claro. A rede, organizada pelo diretor-geral da Radiodifusão Suíça, Marcel Bezançon, entrou no ar com uma mensagem do papa Pio XII, e chegou a 4 milhões de aparelhos durante toda a disputa. O sucesso foi tanto que ela se tornou o embrião da hoje famosa Eurovisão. No Brasil, a TV – que existia desde quatro anos antes – serviu apenas para os especialistas aparecerem fazendo comentários. Os torcedores tiveram de se contentar em acompanhar o Mundial pelo rádio. As primeiras cenas das partidas só chegaram às salas de cinema um mês depois.

A grande favorita

Mas um mês antes do início da Copa uma pergunta percorria a Europa: quem seria o vice-campeão do mundo? A não ser que acontecesse uma improvável catástrofe, o título já tinha dono: a Hungria. A melhor Seleção do início dos anos 1950 representava a radicalização dos conceitos implantados na década de 1930 por Benito Mussolini, na Itália, e Adolf Hitler, na Alemanha (os dois ditadores haviam percebido as vantagens de associar o esporte ao Estado e, para isso, deram ao futebol e ao atletismo, respectivamente, todas as condições materiais para que fossem formadas equipes vitoriosas). O selecionado húngaro tinha ido um passo adiante: não apenas tinha as bênçãos oficiais como passou a ser propriedade do governo.

Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Hungria se tornou um dos países sob a tutela do regime stalinista da União Soviética – que se caracterizava, entre outras coisas, pela repressão brutal aos descontentes. Portanto, era preciso gerar algum contentamento. Matyas Rakosi – secretário-geral do Partido Comunista e, como tal, o manda-chuva do país –

A Hungria campeã olímpica em Helsinque-1952: 5 jogos, 5 vitórias e 20 gols a favor

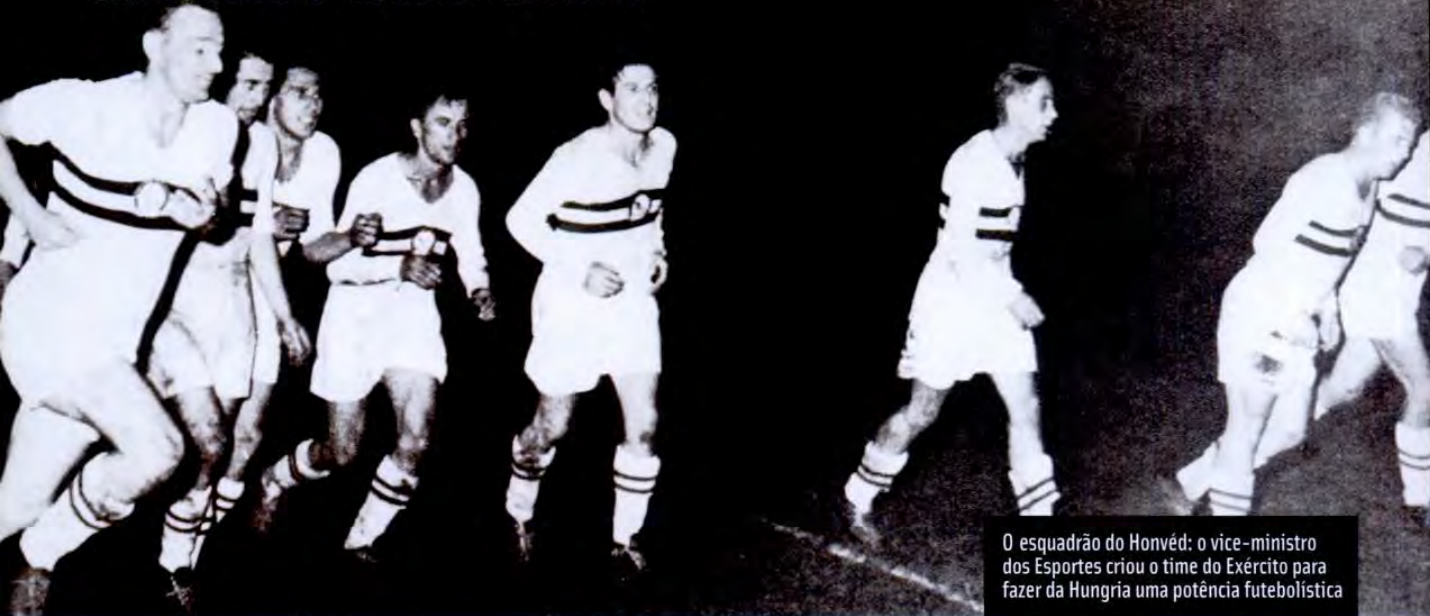
colocou a responsabilidade de preparar uma invencível Seleção nas mãos do vice-ministro dos Esportes, Guzstáv Sebes. Durante o ano de 1949, ele garimpou jogadores junto com o técnico da Seleção, Gyula Mandi (o mesmo que, em 1957, foi contratado pelo América do Rio). Assim que identificou um punhado de bons atletas, Sebes simplesmente recrutou todos e os colocou no Kispest, de Budapeste. O clube, que tinha sido fundado em 1909, foi rebatizado de Honvéd (Defensor, em português) e virou o time do Exército.

Tudo porque os jogadores húngaros – assim como os brasileiros, aliás – eram reconhecidos mais pelo talento do que pela dedicação aos treinos. E a solução foi transformá-los em soldados. O craque da equipe, o major Ferenc Puskás, jamais comandou uma tropa, mas sua patente era suficiente para ele levar a campo o espírito da disciplina militar. Assim, os dois times que dividiam a hegemonia do futebol local (o Ujpesti Dozsa, tricampeão em 1945-46-47, e o Ferencvaros, campeão em 1949) tornaram-se de repente coadjuvantes do Honvéd, que papou o torneio no ano de estréia, 1950. Para equilibrar a disputa, Sebes permitiu que o MTK, rebatizado de Voros Lobogo (Bandeira Vermelha) mantivesse um par de estrelas no plantel e tivesse um patrocinador de peso: a polícia. Para alegria geral, o MTK sagrou-se campeão nos anos ímpares – 1951 e 1953 – e o Honvéd, nos pares – 1950, 1952 e 1954. A título de curiosidade, vale lembrar que após a Copa o técnico do MTK, Bela Guttman, seguiu para o Milan, da Itália, e mais tarde para o São Paulo, pelo qual ganhou o Campeonato Paulista de 1957.

Puskás: o grande craque húngaro é até hoje um dos maiores da história do esporte

AG. O GLOBO

Esquema inovador

No dia 14 de maio de 1950, a Hungria perdeu para a Áustria, em Viena, por 3 x 2. Mas o jogo seguinte – vitória de 5 x 3 sobre a Polônia, em Varsóvia, em 4 de junho de 1950 – foi o primeiro de uma impressionante série invicta, que durou quatro anos. Até a estréia na Copa da Suíça, foram 23 vitórias e 4 empates, com 114 gols a favor (mais de 4 por jogo, em média) e apenas 26 contra. A superioridade era tão grande que um dos empates (1 x 1 com a Bulgária, em Sófia) foi conseguido pela Seleção B no mesmo dia – 4 de outubro de 1953 – em que os titulares goleavam a Tchecoslováquia, em Praga, por 5 x 1. Quando os craques não estavam atuando pelos clubes, todos treinavam juntos e em período integral. O treinamento consistia em repetir as jogadas indefinidamente, até elas ficarem perfeitas.

O esquadrão do Honvéd: o vice-ministro dos Esportes criou o time do Exército para fazer da Hungria uma potência futebolística

Em 1952, na Olimpíada de Helsinque, na Finlândia, Guzstáv Sebes apresentou ao mundo sua criação – já que, na teoria, os húngaros eram amadores. A medalha de ouro veio com uma campanha irretocável: 5 jogos, 5 vitórias, 20 gols a favor e só 2 contra (2 x 1 na Romênia, 3 x 0 na Itália, 7 x 1 na Turquia, 6 x 0 na Suécia e 2 x 0 na Iugoslávia).

O esquema de jogo era realmente inovador. O centroavante – Hidegkuti, do MTK – recuava para armar as jogadas, enquanto os médios avançavam pelas laterais, juntando-se aos ponteiros em ambos os lados do gramado. Os dois meias, Puskás e Kocsis, movimentavam-se sem posição fixa e, assim, a Hungria atacava com até sete atletas, um número maior que o de defensores adversários. Mas faltava um teste definitivo: a Inglaterra. Sempre que uma Seleção começava a ganhar destaque na Europa, os ingleses a convidavam para visitar o estádio londrino de Wembley, o Santuário do Futebol. Ali, davam uma surra nos "novatos" e continuavam a se autoproclamar os deuses do esporte.

Em 1953, a Inglaterra vivia um **momento de especial encantamento** consigo mesma. Confirmar, mais uma vez, a hegemonia no futebol mundial era apenas um detalhe. Em Wembley, a Inglaterra jamais havia perdido para equipes não-britânicas. No dia 25 de novembro, 100 000 pessoas lotaram o estádio e a partida de fato terminou com uma soberba goleada: 6 x 3. Mas a favor da Hungria, o que provocou uma comoção nacional entre os ingleses. O técnico Walter Winterbottom reconheceu após a derrota que seu time não havia estudado suficientemente o esquema tático húngaro, mas que não existiam motivos para preocupação. Afinal, um novo confronto entre as duas equipes já estava marcado – e serviria para colocar as coisas em seus devidos lugares. Em 23 de maio de 1954, um mês antes do início da Copa, a Inglaterra – desta vez bem preparada – entrou no Népstadion de Budapeste para a revanche. E foi arrasada de novo: 7 x 1. Não restavam mais dúvidas: a Hungria, com sua perfeita fusão de força, talento e disciplina, transformaria o Mundial num parque de diversões.

Na primeira metade da década de 1950, a economia inglesa estava melhor a cada ano. A rainha Elizabeth II foi coroada em 1953, num dos primeiros eventos com transmissão ao vivo pela TV para todo o mundo, gerando uma onda de fervor nacionalista. No mesmo ano, um filho do Império Britânico, o neozelandês Edmund Hillary, se tornou o primeiro homem (ao lado do sherpa nepalês Tenzing Norgay) a pôr os pés no topo da montanha mais alta do mundo, o Everest.

A SUÍÇA EM 1954

Estável e tranqüila

Uma das democracias mais antigas do mundo, a Suíça foi constituída em 1291, quando três pequenas regiões independentes assinaram um Pacto de Aliança Eterna. Outras regiões juntaram-se ao núcleo inicial, constituindo os cantões, estados associados à Federação Helvética (os helvéticos eram uma tribo de origem celta e colonizaram a região há mais de 2 000 anos).
Numa Europa que tentava se refazer após a Segunda Guerra, a Suíça já era (em 1954) uma ilha de estabilidade e tranqüilidade. Na época, a população era de 4,7 milhões de habitantes. E as maiores cidades, Zurique e Berna, não tinham sequer 200 000 moradores cada uma.
Até hoje o pequeno país cortado pelos Alpes é famoso por seus chocolates, seus relógios, seu exemplar e hermético sistema bancário e sua neutralidade política (só em 2002 os suíços concordaram, em plebiscito, em fazer parte da Organização das Nações Unidas).

COMO SEMPRE, deserções

Apenas 45 dos 82 países filiados à Fifa se inscreveram para as eliminatórias, só que 10 desistiram antes de entrar em campo. Apesar disso, a disputa pelas vagas teve muita emoção

Dos 82 países filiados à Fifa na época, 45 se inscreveram para disputar as eliminatórias que selecionariam os 14 finalistas (o campeão anterior, Uruguai, e o país-sede, Suíça, tinham vaga garantida). Para manter a "tradição", vários desistiram antes mesmo de a bola começar a rolar e o número de concorrentes caiu para 35. O lado positivo é que a comunidade britânica (Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales) concordou em participar. Além disso, Alemanha e Japão, que haviam sido excluídos da Fifa após a Segunda Guerra, estavam de volta. O lado negativo é que a União Soviética recusou o convite em função do mau desempenho na Olimpíada de 1952, quando foi eliminada pela Iugoslávia (e o chefe da polícia secreta soviética, Lavrenti Beria, num acesso de raiva, simplesmente acabou com o time do Exército Vermelho, que contribuía com a maioria dos craques da Seleção). Na América do Sul, pela primeira vez o número de inscrições tornou necessária a realização das eliminatórias. A ausência mais sentida foi a da Argentina, que continuava se achando dona do melhor futebol do continente – embora não pudesse formar uma equipe competitiva, já que seus atletas mais famosos atuavam numa liga pirata da Colômbia e, portanto, não podiam jogar torneios da Fifa. Peru e Bolívia, que inicialmente haviam recusado o convite, se arrependeram e tentaram se inscrever fora do prazo, mas a Fifa fez valer o regulamento e deixou os dois fora.

GRUPO 1 – *ALEMANHA, NORUEGA e SARRE*

NORUEGA 2 x 3 SARRE
OSLO, 24 DE JUNHO DE 1953
NORUEGA 1 x 1 ALEMANHA
OSLO, 19 DE AGOSTO DE 1953
ALEMANHA 3 x 0 SARRE
STUTTGART, 11 DE OUTUBRO DE 1953
SARRE 0 x 0 NORUEGA
SAARBRÜCKEN, 9 DE NOVEMBRO DE 1953
ALEMANHA 5 x 1 NORUEGA
HAMBURGO, 22 DE NOVEMBRO DE 1953
SARRE 1 x 3 ALEMANHA
SAARBRÜCKEN, 28 DE MARÇO DE 1954

O Sarre é uma região da Alemanha que teve vários períodos de independência. Um deles foi em 1947, após a divisão territorial definida no fim da Segunda Guerra. Os jogadores que defenderam o país em 1954 eram quase todos do FC Saarbrücken e seu técnico era Helmut Schön, futuro campeão do mundo em 1974 dirigindo a Alemanha Ocidental. Já o desempenho da Alemanha foi uma boa surpresa. Nos últimos dois anos da guerra, as baixas nos campos de batalha aumentaram vertiginosamente e os nazistas convocaram até jovens de 16 anos para o front. O que salvou a Seleção foi o fato de o campeonato nacional só não ter sido disputado em 1945 – ou seja, muitos bons jogadores acabaram preservados do conflito, embora estivessem em idade de lutar.

GRUPO 2 – *BÉLGICA, FINLÂNDIA E SUÉCIA*

FINLÂNDIA 2 x 4 BÉLGICA
HELSINQUE, 25 DE MAIO DE 1953
SUÉCIA 2 x 3 BÉLGICA
ESTOCOLMO, 28 DE MAIO DE 1953
FINLÂNDIA 3 x 3 SUÉCIA
HELSINQUE, 5 DE AGOSTO DE 1953
SUÉCIA 4 x 0 FINLÂNDIA
ESTOCOLMO, 16 DE AGOSTO DE 1953
BÉLGICA 2 x 2 FINLÂNDIA
BRUXELAS, 23 DE SETEMBRO DE 1953
BÉLGICA 2 x 0 SUÉCIA
BRUXELAS, 8 DE OUTUBRO DE 1953

A Bélgica se classificou com três vitórias e um empate. Sem poder contar com seus principais jogadores, que atuavam nos clubes italianos, a Suécia perdeu duas para os belgas e (depois de ter sido a terceira colocada na Copa de 1950) ficou fora do Mundial de 1954.

GRUPO 3 – *ESCÓCIA, INGLATERRA, IRLANDA DO NORTE e PAÍS DE GALES*

IRLANDA DO NORTE 1 x 3 ESCÓCIA
BELFAST, 3 DE OUTUBRO DE 1953
PAÍS DE GALES 1 x 4 INGLATERRA
CARDIFF, 10 DE OUTUBRO DE 1953
ESCÓCIA 3 x 3 PAÍS DE GALES
GLASGOW, 4 DE NOVEMBRO DE 1953
INGLATERRA 3 x 1 IRLANDA DO NORTE
LIVERPOOL, 11 DE NOVEMBRO DE 1953
PAÍS DE GALES 1 x 2 IRLANDA DO NORTE
WREXHAM, 31 DE MARÇO DE 1954
ESCÓCIA 2 x 4 INGLATERRA
GLASGOW, 3 DE ABRIL DE 1954

A Fifa colocou as quatro seleções britânicas competindo entre si, mas garantiu duas vagas para a Copa. Como era esperado, a Inglaterra ganhou, com a Escócia em segundo. Das três vitórias inglesas, a mais significativa foi a última, em Glasgow. Perante 134 000 escoceses no estádio Hampden Park, o *English Team* tomou o primeiro gol, mas fez 4 com facilidade e só sofreu o segundo aos 44 minutos do segundo tempo. O jogo foi o primeiro após a goleada (6 x 3) para a Hungria, em Wembley. E o técnico Walter Winterbottom mostrou que o massacre tinha ferido o orgulho nacional, tanto que trocou oito jogadores. A vitória fácil deu um certo alento aos inventores do futebol – mas a alegria ruiu um mês depois, com a segunda humilhação diante dos húngaros: 7 x 1 em Budapeste.

GRUPO 4 – *FRANÇA, LUXEMBURGO e REPÚBLICA DA IRLANDA*

LUXEMBURGO 1 x 6 FRANÇA
LUXEMBURGO, 20 DE SETEMBRO DE 1953
REPÚBLICA DA IRLANDA 3 x 5 FRANÇA
DUBLIN, 4 DE OUTUBRO DE 1953
REPÚBLICA DA IRLANDA 4 x 0 LUXEMBURGO
DUBLIN, 28 DE OUTUBRO DE 1953
FRANÇA 1 x 0 REPÚBLICA DA IRLANDA
PARIS, 25 DE NOVEMBRO DE 1953
FRANÇA 8 x 0 LUXEMBURGO
PARIS, 27 DE DEZEMBRO DE 1953
LUXEMBURGO 0 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
LUXEMBURGO, 7 DE FEVEREIRO DE 1954

Mostrando que havia aprendido a lição das Copas de 1930 e 1938, quando suas atuações ficaram abaixo da expectativa, a França internacionalizou sua Seleção. Da Polônia, saíram o criativo meia Kopa (Raymond Kopaszewksi), mais Glowacki e Karguliewicz. Da Hungria, o médio Ujlaki. E do Marrocos, o centroavante Just Fontaine, de 19 anos (que se consagraria artilheiro da Copa seguinte, em 1958). Com 100% de aproveitamento, 20 gols a favor e 4 contra, a França se classificou sem nenhum problema.

GRUPO 5 – *ÁUSTRIA e PORTUGAL*

ÁUSTRIA 9 X 1 PORTUGAL
VIENA, 27 DE SETEMBRO DE 1953
PORTUGAL 0 X 0 ÁUSTRIA
LISBOA, 29 DE NOVEMBRO DE 1953

No primeiro jogo, o centroavante austríaco Erich Probst, do Rapid Viena, marcou 5 gols seguidos (do segundo ao sexto). O grande humorista brasileiro Zé Vasconcellos, em sua famosa peça teatral solo dos anos 1950, *Eu Sou o Espetáculo*, fazia uma hilariante imitação de um locutor português narrando a partida. Segundo ele, Portugal perdeu porque seu goleiro jogava de costas até no nome – Costa Pereira. A piada é boa, não fosse pelo fato de o arqueiro do Benfica não ter participado de nenhum dos dois embates. Frederico Barrigana, do Porto, tomou os 9 gols em Viena e foi substituído por Carlos Antônio Gomes, do Sporting, no confronto de Lisboa. Aliás, outros sete jogadores foram trocados na tentativa de alcançar uma vitória simples e provocar um jogo extra (o saldo de gols não contava para o desempate). Mas ela não veio. Embora dolorida, a goleada foi apenas a terceira pior do futebol português até então: em maio de 1947, a Inglaterra fizera 10 x 0 e em março de 1934, a Espanha anotara 9 x 0.

GRUPO 6 – *ESPANHA e TURQUIA*

ESPANHA 4 X 1 TURQUIA
MADRI, 6 DE JANEIRO DE 1954
TURQUIA 1 X 0 ESPANHA
ISTAMBUL, 11 DE MARÇO DE 1954
TURQUIA 2 X 2 ESPANHA
ROMA, 17 DE MARÇO DE 1954

A Espanha tinha amplo favoritismo na disputa com a Turquia. E a certeza na classificação só aumentou depois da fácil vitória em Madri. Tanto que, um mês depois, a Fifa divulgou uma lista dos prováveis cabeças de chave da Copa e os espanhóis apareciam nela. Mas no segundo jogo, em Istambul, os turcos fizeram 1 gol aos 15 minutos do primeiro tempo e seguraram heroicamente o resultado até o fim, provocando um jogo extra. Apenas três dias depois, no estádio Olímpico de Roma, os espanhóis pareciam ainda entorpecidos pela derrota. E a Turquia aproveitou para fazer 2 gols em 30 minutos. No segundo tempo, a Espanha teve forças para empatar, mas não para virar o placar. Pelo regulamento, a decisão foi para o sorteio. As duas delegações dirigiram-se para as tribunas, onde havia uma urna com dois papéis dobrados. Um garoto de 13 anos, Luigi Franco Gemma, filho de um dirigente italiano, teve os olhos vendados e sacou o papel com a palavra *Turchia*. E assim, a favorita Espanha ficou fora da Copa de 1954.

GRUPO 7 – *HUNGRIA e POLÔNIA*

Os poloneses desistiram de participar, alegando "questões de ordem interna". A Fifa não entendeu que motivo era aquele, mas os países comunistas não abriam sua Cortina de Ferro (nome que o primeiro-ministro britânico Winston Churchill deu aos integrantes do bloco comunista) para apresentar explicações mais detalhadas. E a Hungria, sem precisar jogar, se classificou para a Copa – o que ninguém duvidava que também aconteceria se a disputa tivesse ocorrido dentro de campo.

GRUPO 8 – *BULGÁRIA, ROMÊNIA e TCHECOSLOVÁQUIA*

TCHECOSLOVÁQUIA 2 X 0 ROMÊNIA
PRAGA, 14 DE JUNHO DE 1953
ROMÊNIA 3 X 1 BULGÁRIA
BUCARESTE, 28 DE JUNHO DE 1953
BULGÁRIA 1 X 2 TCHECOSLOVÁQUIA
SÓFIA, 6 DE SETEMBRO DE 1953
BULGÁRIA 1 X 2 ROMÊNIA
SÓFIA, 11 DE OUTUBRO DE 1953
ROMÊNIA 0 X 1 TCHECOSLOVÁQUIA
BUCARESTE, 25 DE OUTUBRO DE 1953
TCHECOSLOVÁQUIA 0 X 0 BULGÁRIA
BRATISLAVA, 8 DE NOVEMBRO DE 1953

O jogo-chave foi o penúltimo. A Romênia precisava ganhar da Tchecoslováquia para provocar um jogo extra. Os tchecos se contentavam com um empate, já que na última rodada enfrentariam em casa a já eliminada Bulgária. Mas aos 29 minutos do primeiro tempo o juiz alemão Gerhard Schulz marcou um pênalti contra os romenos, que Safránek converteu, selando a sorte do grupo.

GRUPO 9 – *EGITO e ITÁLIA*

EGITO 1 X 2 ITÁLIA
CAIRO, 8 DE NOVEMBRO DE 1953
ITÁLIA 5 X 1 EGITO
MILÃO, 24 DE JANEIRO DE 1954

Esta era uma baba para a Itália, todos acreditavam. Mas o Egito não se entregou tão facilmente. No Cairo, o presidente Muhammad Neguib comandou a torcida e o esforçado time da casa terminou o primeiro tempo vencendo por 1 x 0. Na etapa final, a Azzurra, cujo time-base era a Inter de Milão, conseguiu a virada com gols de Frignani (do Milan) e Muccinelli (da Juventus). No jogo de volta, a Itália abriu o marcador logo no primeiro minuto, mas o Egito empatou antes do intervalo. Na etapa final, a duras penas a Itália abriu 3 x 1, mas os *tifosi* só respirariam aliviados quando, nos últimos 5 minutos, 2 gols selaram definitivamente a classificação.

GRUPO 10 – *GRÉCIA, ISRAEL e IUGOSLÁVIA*

IUGOSLÁVIA 1 X 0 GRÉCIA
BELGRADO, 9 DE MAIO DE 1953
GRÉCIA 1 X 0 ISRAEL
ATENAS, 1º DE NOVEMBRO DE 1953
IUGOSLÁVIA 1 X 0 ISRAEL
SKOPLJE, 8 DE NOVEMBRO DE 1953
ISRAEL 0 X 2 GRÉCIA
TEL-AVIV, 8 DE MARÇO DE 1954
ISRAEL 0 X 1 IUGOSLÁVIA
TEL-AVIV, 21 DE MARÇO DE 1954
GRÉCIA 0 X 1 IUGOSLÁVIA
ATENAS, 28 DE MARÇO DE 1954

No grupo do 1 x 0 (placar de 5 dos 6 jogos disputados), a Iugoslávia conseguiu se classificar com 4 vitórias, apenas 4 gols feitos e nenhum tomado. Os 4 gols, aliás, foram marcados por quatro jogadores diferentes – e, em duas ocasiões, quando o empate em branco já parecia definitivo: contra Israel, na penúltima refrega, Branko Zebec marcou aos 35 minutos do segundo tempo. E contra a Grécia, na última partida, Todor Veselinovic salvou a pátria iugoslava aos 31 minutos da etapa final.

GRUPO 11 – *BRASIL, CHILE e PARAGUAI*

PARAGUAI 4 X 0 CHILE
ASSUNÇÃO, 14 DE FEVEREIRO DE 1954
CHILE 1 X 3 PARAGUAI
SANTIAGO, 21 DE FEVEREIRO DE 1954
CHILE 0 X 2 BRASIL
SANTIAGO, 28 DE FEVEREIRO DE 1954
PARAGUAI 0 X 1 BRASIL
ASSUNÇÃO, 7 DE MARÇO DE 1954
BRASIL 1 X 0 CHILE
RIO DE JANEIRO, 14 DE MARÇO DE 1954
BRASIL 4 X 1 PARAGUAI
RIO DE JANEIRO, 21 DE MARÇO DE 1954

O Paraguai era o campeão sul-americano. E, depois de derrotar duas vezes o Chile, estava confiante na possibilidade de tirar o Brasil da Copa. Até porque o título continental havia sido conquistado exatamente com uma vitória sobre o time verde-amarelo, em Lima (Peru). Já nossa Seleção confiava nas intrincadas táticas de Zezé Moreira. Nossa estréia em jogos de eliminatórias foi contra o Chile e 2 gols de Baltazar, aos 37 minutos do primeiro tempo e aos 17 do segundo, garantiram o triunfo. Em seguida, veio

a viagem até Assunção para encarar o fantasma paraguaio. E, debaixo de uma chuva torrencial (e de uma chuva de pedras dos torcedores em cima do goleiro Veludo), veio uma apertada vitória por 1 x 0, novo gol de Baltazar, aos 6 minutos do segundo tempo. No returno, a Seleção jogou pela primeira vez no Maracanã depois da derrota para o Uruguai, na decisão da Copa de 1950. Foi também o *début* do novo uniforme: camisa amarela com detalhes em verde e calção azul. Apesar da festa, nova vitória magra com gol de Baltazar, aos 35 minutos do primeiro tempo. Finalmente, e precisando apenas de um empate com o Paraguai, o Brasil não conseguiu se soltar no primeiro tempo – que terminou 0 x 0. Mas voltou com vontade depois do intervalo e goleou por 4 x 1, com gols de Julinho (14 minutos), Baltazar (20), Julinho de novo (35) e Maurinho (44). Para o Paraguai marcou Martinez (30). Nas eliminatórias, o time foi praticamente o mesmo que acabou jogando a Copa: Veludo, Djalma Santos e Pinheiro; Bauer, Brandãozinho e Nilton Santos; Julinho, Didi, Baltazar, Humberto e Rodrigues. Nos dois últimos jogos, o zagueiro Pinheiro, do Fluminense, machucado, foi substituído por Gerson dos Santos, do Botafogo, formando a "defesa de todos os santos": Djalma, Nilton e Gerson.

GRUPO 12 – *ESTADOS UNIDOS, HAITI e MÉXICO*

MÉXICO 8 X 0 HAITI
CIDADE DO MÉXICO, 19 DE JULHO DE 1953
HAITI 0 X 4 MÉXICO
PORT-AU-PRINCE, 27 DE DEZEMBRO DE 1953
MÉXICO 4 X 0 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 10 DE JANEIRO DE 1954
MÉXICO 3 X 1 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 14 DE JANEIRO DE 1954
HAITI 2 X 3 ESTADOS UNIDOS
PORT-AU-PRINCE, 3 DE ABRIL DE 1954
HAITI 0 X 3 ESTADOS UNIDOS
PORT-AU-PRINCE, 4 DE ABRIL DE 1954

O relativo sucesso dos Estados Unidos na Copa de 1950 foi o canto do cisne do futebol do Tio Sam. Os americanos passaram quase 50 anos como figurantes nas disputas internacionais. Tanto que, nas eliminatórias de 1954, fizeram em campos adversários as partidas que tinham direito de disputar em casa. Na Cidade do México, perderam as duas para os mexicanos. E em Port-au-Prince, ganharam as duas dos haitianos. Mas o México já se transformava na única força do futebol centro e norte-americano (conseguiu facilmente a classificação para os Mundiais seguintes). Como curiosidade, o centroavante Joe Gaetjens, que marcou o famoso gol da vitória dos Estados Unidos sobre a Inglaterra na Copa de 1950, atuou pelo Haiti, sua terra natal, no segundo jogo contra o México.

GRUPO 13 – *CORÉIA DO SUL e JAPÃO*

JAPÃO 1 X 5 CORÉIA DO SUL
TÓQUIO, 7 DE MARÇO DE 1954
JAPÃO 2 X 2 CORÉIA DO SUL
TÓQUIO, 14 DE MARÇO DE 1954

O grupo asiático teve várias idas e vindas. Primeiro, China e Taiwan desistiram. A China, por não reconhecer a soberania de Taiwan como país. E Taiwan, que havia surgido como nação independente apenas cinco anos antes, por perceber que suas chances eram nulas. Mais tarde, ao desconfiar que não seria tão difícil se classificar enfrentando só Japão e Coréia do Sul, a Índia, o Irã e o Vietnã resolveram se inscrever fora do prazo. Mas a Fifa não topou. Já a participação dos sul-coreanos foi quase um milagre. A Guerra da Coréia, entre 1950 e 1953, dividiu o país em dois: o Norte (comunista) e o Sul (capitalista). O Sul resolveu entrar em campo, mas o presidente Syngman Rhee, ainda injuriado pelo fato de o Japão ter invadido o país em 1910 e ficado por lá até 1945, recusou os vistos de entrada para a delegação nipônica. A Federação Coreana topou fazer os dois confrontos em Tóquio e levou jogadores veteranos, enquanto os donos da casa eram jovens universitários, ainda descobrindo as manhas do futebol. Venceu a experiência.

11 meses e 14 vagas

As eliminatórias, que começaram no dia 9 de maio de 1953, em Belgrado, terminaram 11 meses depois, em 4 de abril de 1954, em Port-au-Prince, com a definição dos 14 países classificados, que se juntaram ao campeão (Uruguai) e ao país-sede (Suíça). Assim como já ocorrera em 1934 e 1938, a Copa era quase exclusivamente européia (12 seleções do velho continente contra duas da América do Sul, uma da Ásia e uma da América do Norte). Mas o Brasil estava lá de novo, para disputar o caneco. Confira abaixo os 16 países que disputaram o Mundial da Suíça.

- Alemanha
- Áustria
- Bélgica
- Brasil
- Coréia do Sul
- Escócia
- França
- Hungria
- Inglaterra
- Itália
- Iugoslávia
- México
- Suíça
- Tchecoslováquia
- Turquia
- Uruguai

O Itaú tem muitos investimentos para você que vai começar aos poucos.

O Itaú tem um investimento para cada um dos seus sonhos.

Aproveite seu 13º e invista já.

Para transformar os seus planos em realidade, nada melhor do que começar a investir hoje no Itaú. Aqui você encontra todas as opções de investimentos: Super Poupança Itaú, Fundos de Investimento, CD DI, CDB e Planos de Previdência. Além disso, você conta com uma assessoria completa na hora de investir e também aplica o seu dinheiro no Melhor Gestor de Fundos pelo Guia Exame – os Melhores Fundos de Investimento de 2005. Invista já. Acesse o Itaú Bankline Internet, vá até um Caixa Eletrônico Itaú ou até uma de nossas Agências. Se preferir, ligue para o Itaú Investfone através do Itaú Bankfone: 4004 4828 (capitais e regiões metropolitanas) ou 0800 90 4828 (outras localidades). Em dias úteis, das 9h às 20h. Para a sua segurança as ligações desse serviço são gravadas.

Itaú. O lugar certo para investir o seu dinheiro.

O Itaú quer ouvir você.

Dúvidas, reclamações e sugestões:
- Nas agências,
- 4004 4828 Capitais e reg. metropolitanas
- 0800 11 8944 Demais localidades
- www.itau.com.br

FITCH RATINGS
BANCO BRASILEIRO DE MELHOR PERFORMANCE FINANCEIRA

MOODY'S
BANCO BRASILEIRO DE MAIOR FORÇA FINANCEIRA

feito para você

A zona DE Zezé

No Sul-Americano de 1952, o Brasil conquistou seu primeiro título no exterior com um novo jeito de marcar, mas todos sabiam que era preciso resolver questões psicológicas para libertar os jogadores do trauma das derrotas internacionais

Depois da derrota na Copa de 1950, o todo-poderoso técnico Flávio Costa foi afastado da Seleção. Em seu lugar, assumiu o estrategista Zezé Moreira, de 44 anos (nasceu em Miracema, estado do Rio, em 1908). Zezé se revelara como técnico em 1948, quando foi campeão carioca pelo Botafogo. Em 1951, ele se transferiu para o Fluminense e conquistou o título carioca daquele ano com uma inovação tática: o recuo do ponteiro-direito, Telê Santana, o Fio de Esperança, para auxiliar o meio de campo, numa formação 4-3-3 (que, segundo especialistas, já vinha sendo usada há tempos pelo técnico mineiro Martim Francisco no Olimpic de Barbacena e no Vila Nova).

Na Seleção, Zezé introduziu a marcação por zona e conquistou o Campeonato Pan-Americano de 1952, no Chile – nosso primeiro título no exterior. Como reconhecimento, o técnico passou a ser chamado pela imprensa de "o homem que mais entende de futebol no Brasil". A ele, a CBD tinha confiado a tarefa de renovar a Seleção e, principalmente, acabar com o sentimento de inferioridade que parecia atormentar os craques nacionais. A esse complexo – que os menos generosos chamavam simplesmente de tremedeira – era atribuído o fato de nossos atletas sumirem em campo nas decisões, como ocorrera diante do Uruguai, em 1950. Mas a primeira participação do país num torneio de futebol dos Jogos Olímpicos (em Helsinque, Finlândia, em 1952) não contribuiu em nada para mudar essa sina. O Brasil começou vencendo Holanda (5 x 1) e Luxemburgo (2 x 0). No terceiro jogo, contra a Alemanha Ocidental, nossa Seleção ganhava por 2 x 0 até os 35 minutos do segundo tempo, mas os alemães empataram e, na prorrogação, viraram para 4 x 2. Para Zezé Moreira, a mensagem era clara: ou ele dava um jeito nos **nervos da turma** da nova geração ou continuaríamos repetindo os insucessos da velha.

Antes da partida contra a Alemanha Ocidental, o chefe da delegação, Luiz Vinhaes, havia obrigado todos os atletas (um time de jovens que incluía Humberto, mais tarde convocado para a Copa de 1954, e os futuros campeões mundiais Vavá e Zózimo) a beijar a bandeira nacional. Depois da derrota, muitos tiveram crises de choro no vestiário.

Sai a zona de Zezé

Mas o treinador tinha outros problemas. Apesar do título sul-americano, ele não caíra nas graças do povão, porque o time praticava um futebol de resultados, ou seja, até ganhava, mas jogava feio. Magoado, ele recusou o convite para dirigir a Seleção no Sul-Americano de 1953, no Peru. A CBD chamou seu irmão, Aimoré Moreira, adepto de um futebol "mais artístico". E o Brasil começou jogando bonito (8 x 1 sobre a Bolívia). Mas, no fim, perdeu feio - foi derrotado duas vezes pelo Paraguai. O fracasso no torneio provocou uma convulsão. O presidente da delegação, o escritor e flamenguista José Lins do Rêgo, numa série de artigos para a revista *O Cruzeiro*, saiu disparando em todas as direções. Acusou a maioria dos atletas - e, nominalmente, o craque Zizinho - de insubordinação. Escreveu também que a CBD tramou a queda de Aimoré em pleno Sul-Americano, quando mandou para o Peru o ex-técnico Flávio Costa, na estranha função de "cooperador". E concluiu afirmando que, na Seleção, tivera "a desventura de conviver com uma escória de analfabetos e pusilânimes".

Como resposta às críticas, a CBD solicitou ao dirigente e advogado José Alves de Morais a elaboração de um Projeto de Regulamentação da Seleção. Morais botou o dedo na ferida: os problemas do nosso futebol eram a desorganização e a falta de planejamento, causados pelo feudalismo da própria confederação. Os diretores, evidentemente, torpedearam o trabalho de Morais e pediram a José Maria Castello Branco uma "versão alternativa". Castello Branco, que estava na CBD desde os tempos do amadorismo - e, segundo muitos críticos, ainda raciocinava como se o Brasil não tivesse saído da década de 1930 - deu à luz um documento chamado Normas para a Copa do Mundo. Mesmo para a época, elas eram de uma gritante ingenuidade (entre outras barbaridades, defendiam que "o técnico é responsável pelo preparo físico"). Mas também tocavam num ponto considerado nevrálgico: o lastimável estado psicológico de nossos atletas. E sugeriam: "O técnico e o médico proporcionarão palestras e divertimentos, cuja maior finalidade é o recreio espiritual". As tais normas foram aprovadas e só faltava decidir um "detalhe": quem seria o treinador.

Volta a zona de Zezé

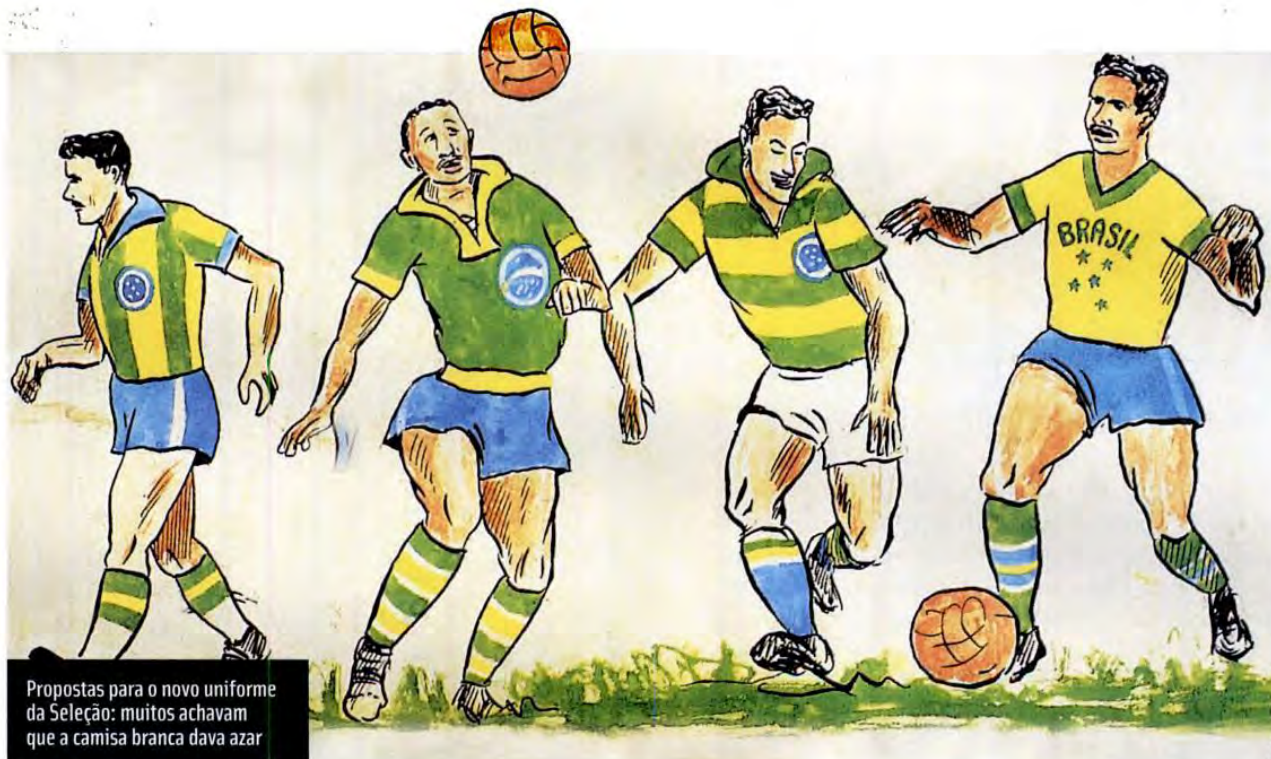
No dia 15 de janeiro de 1954, depois de muito ponderar, a direção da CBD tomou sua decisão: entre as vitórias sem graça e a desgraça das derrotas, a primeira opção era melhor. E Zezé Moreira voltou. Como se pode ver no texto da página 12, o Brasil passou com certa tranqüilidade pelas eliminatórias. Depois, como Zezé e os jornalistas concordavam que o problema não era de arte nem de técnica, mas de psicologia, a imprensa resolveu colaborar na "terapia", incentivando nossos craques com um remédio bastante heterodoxo: lembrá-los permanentemente da responsabili-

AG. O GLOBO

Zezé Moreira: o técnico fez o Fluminense jogar no 4-3-3 e a Seleção marcar por zona

Aimoré Moreira: com ele, o Brasil jogou bonito, mas perdeu o Sul-Americano de 1953

dade que tinham para com a pátria. Se os jogadores estavam ou não preparados para esse tratamento de choque, o país inteiro só foi descobrir durante a Copa.

Se a questão psicológica era complicada para o torcedor comum, outro assunto, bem mais simples, passou a catalisar a atenção geral: o uniforme da Seleção. Segundo os esotéricos de plantão, a camisa branca, usada desde 1914, dava azar. Nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, a Seleção vestiu amarelo pela primeira vez. Sem o escudo da CBD, a camiseta trazia no peito, em azul, a palavra Brasil e as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul. No Sul-Americano do ano seguinte, nossos craques entraram em campo de azul (com gola branca). Num artigo para a revista carioca *A Cigarra*, em junho de 1953, o jornalista Mario de Moraes atacou a "falta de identidade da camisa do Brasil". Em outubro, o jornal *Correio da Manhã* encampou a briga e convenceu a CBD a promover um concurso nacional para a escolha do novo uniforme oficial. Como pré-requisito, ele deveria ter as quatro cores da bandeira nacional. Cerca de 200 trabalhos foram avaliados e, em dezembro, a CBD anunciou o vencedor: um jovem desenhista de 19 anos, Aldyr Garcia Schlee, gaúcho de Pelotas. A célebre camisa amarela com detalhes em verde e o calção azul com frisos laterais brancos fizeram sua estréia em 1954, contra o Chile, nas eliminatórias. Mais tarde, Schlee se tornou um conceituado escritor e tradutor (e viu recusada uma proposta para mudar o uniforme de seu time, o Brasil de Pelotas).

Propostas para o novo uniforme da Seleção: muitos achavam que a camisa branca dava azar

LEMYR MARTINS

Zezé organiza a zona

No dia 1º de abril de 1954, Zezé Moreira chamou 28 jogadores para os treinos iniciais com vistas à Copa. Três dias depois, os convocados partiram para Caxambu, no interior de Minas Gerais, cidade que também recebera a Seleção antes do Mundial de 1938. Enquanto isso, o Congresso Nacional resolveu dar uma ótima mãozinha, ao aprovar um projeto concedendo à CBD uma verba de 5 milhões de cruzeiros para a viagem à Suíça. Além disso, a pedido do ministro João Lyra Filho, cada jogador recebeu do governo 200 dólares para "despesas pessoais no estrangeiro".

No dia 22 de maio, depois de 45 dias de treinos, Zezé fez os últimos cortes e apresentou a relação final dos convocados. E, para evitar falatórios, botou ordem no pedaço e foi ecumênico na divisão. Além de chamar jogadores de todos os times grandes do Rio e de São Paulo, ainda equilibrou numericamente a relação: dos 22 convocados, 11 eram de equipes cariocas e 11 de equipes paulistas (*confira a delegação brasileira na página 23*). Pela primeira vez, a Fifa passou a exigir uma relação com 40 nomes, para o caso de haver necessidade de substituir algum dos 22 inscritos. A título de curiosidade, na lista do Brasil constava o nome de Garrincha, que até então nunca havia atuado pela Seleção.

É óbvio que alguns críticos não gostaram dos 22 eleitos pelo treinador. Por que convocar Veludo, que era reserva de Castilho no Fluminense? Porque, segundo Zezé, ele havia tido atuações excelentes nas eliminatórias, quando Castilho estava machucado. E por que convocar Cabeção, que era reserva de Gilmar no Corinthians? Afinal, Gilmar já despontava como o melhor goleiro brasileiro da época – condição que se confirmaria nas Copas de 1958 e 1962 –, tanto que tomara o lugar de Cabeção no time corintiano. Zezé explicou que este era "mais experiente" que aquele. Mas quando a imprensa divulgou que Gilmar era, na verdade, um dia mais velho que Cabeção, o treinador desconversou.

Mauro, zagueiro do São Paulo, era outra incógnita. Cortado da Seleção de 1950, tinha sido reconvocado por sua "classe admirável". Com isso, Zezé deixou Bellini, do Vasco, fora da lista. Acusá-lo de inexperiente não dava, pois era dois meses mais velho que Mauro e quase dois anos mais velho que o titular, Pinheiro. Mas a maior surpresa foi a não convocação de Zizinho, que atuava pelo Bangu e ainda era considerado o melhor jogador em atividade no país. Oficialmente, o craque ficou de fora por motivos médicos: uma prostatite crônica. Mas logo após a derrota para o Paraguai na final do Campeonato Sul-Americano de 1953 surgiram rumores de bebedeiras e farras envolvendo os atletas. Zizinho, que havia sido o porta-voz de uma solicitação de aumento no valor do bicho, virou o bode expiatório da derrota. José Lins do Rêgo, chefe daquela delegação, declarou, ainda no Peru: "Zizinho jamais fará parte novamente de um 'scratch' brasileiro". E Zezé Moreira, pelo jeito, aceitou o veto.

O BRASIL EM 1954

As águas vão rolar

Em 1954, a população brasileira já tinha atingido a marca de 57 milhões. As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo eram as maiores do país, com cerca de 2,7 milhões de habitantes cada uma. O estado de São Paulo respondia pela maior parte da produção agrícola (35% do total cultivado) e industrial (51% das fábricas). E o café continuava sendo a base das exportações (61% do valor negociado).

O presidente da República, o gaúcho Getúlio Vargas, chegou a seu quarto ano de mandato enfrentando sérios problemas: uma crise econômica e institucional com acusações de corrupção envolvendo os altos escalões do governo. Em 1º de maio, para aplacar os ânimos, Getúlio aprovou um aumento de 100% no salário mínimo. Em 5 de agosto, um de seus críticos mais ferozes, o jornalista e político Carlos Lacerda, escapou por pouco de um atentado a tiros, no Rio de Janeiro, tramado por assessores do presidente.

A revista *O Cruzeiro* publicou: "1º de março de 1954 – Os Estados Unidos detonam a primeira bomba de hidrogênio, a bomba H, milhares de vezes mais potente e destrutiva que as bombas atômicas que pulverizaram Hiroshima e Nagasaki em 1945. A explosão gerou tensões imediatas no mundo inteiro, menos no Brasil. Afinal, era Carnaval e só fomos tomar conhecimento do fato na Quarta-Feira de Cinzas."

Lacerda resiste ao atentado: denúncias de corrupção acabaram com o governo

As três músicas mais tocadas nas emissoras de rádio brasileiras em 1954 foram a carnavalesca "Saca-Rolhas", com Zé da Zilda e Zilda do Zé ("As águas vão rolar / Garrafa cheia eu não quero ver sobrar..."), o samba-canção "Tereza da Praia", com Dick Farney e Lúcio Alves, e o tango "Carlos Gardel", com Nélson Gonçalves.

Os últimos PREPARATIVOS

Depois de muitos discursos patrióticos, nossa delegação embarcou com feijão, carne seca e goiabada na bagagem. Tudo para descobrir que ainda havia um fantasma: a Hungria

Enfim, chegou a hora da viagem para a Europa. Em 25 de maio de 1954, os jogadores – intoxicados pelos discursos nacionalistas que tinham de ouvir diariamente – foram recebidos pelo presidente Getúlio Vargas, no Rio, para escutar mais um. E Getúlio sacou de seu repertório populista que os atletas "representavam a força e a resistência da raça brasileira". Em seguida, fez o milésimo apelo para que eles ganhassem a Copa. À meia-noite, a bordo de um avião Constellation, da Panair do Brasil, a Seleção alçou vôo do aeroporto do Galeão, com direito a banda de música e mais falatórios de políticos oportunistas.

Na Suíça, a delegação ficou concentrada em Macolin, uma escola recém-inaugurada perto da cidade de Bienne. Além dos jogadores e dos integrantes da comissão técnica, também ficou hospedado no local o filho de Zezé Moreira, Wilson, atacante reserva no Botafogo que viajou com a estranha função de "participar dos treinos". Já os cartolas da CBD (o ministro João Lyra Filho, Irineu Correa, José Maria Castello Branco e outros 20 agregados e convidados) preferiram se acomodar no Elite Hotel, no centro de Bienne, mesmo endereço escolhido pelos 60 jornalistas e radialistas brasileiros. Na concentração de Macolin, o cardápio era verde-amarelo: Mozart Varela, dirigente da CBD, despachou razoáveis quantidades de feijão preto, carne seca, tutu e goiabada, aos cuidados do cozinheiro Laudelino Oliveira. Tudo porque Zezé Moreira queria que os craques se sentissem em casa – a estratégia era parte do tratamento psicológico para evitar que eles caíssem em **depressão**.

O técnico fez o possível para reduzir a pressão. Mas ela logo se apresentou, e com uma forma bem definida: a Seleção da Hungria. A grande pergunta era: Será que os brasileiros vão amarelar diante dos húngaros? Não, respondiam todos. "Enfrentar a Hungria era a mesma coisa que enfrentar o Paraguai", garantia Zezé. Muitos subiam o tom das declarações. Para Pinga, a defesa húngara era "uma porta mal fechada".

Mas a revista *O Cruzeiro*, em sua edição de 19 de junho de 1954, revelou detalhes da paranóia. Ao comentar o último jogo-treino do Brasil, 12 x 1 em cima do Bienne, um time local sem nenhuma expressão, o texto informava: "Nossa ofensiva mostrou-se tão eficiente quanto a húngara". O vice-ministro Guzstáv Sebes, flagrado com uma máquina fotográfica nas mãos, mereceu a legenda: "Sebes foi documentar a distribuição de nosso selecionado em campo". E, numa entrevista exclusiva com Didi, o repórter não podia ser mais direto: "Você teme os húngaros?" Tanta preocupação com um adversário serviu para deixar em segundo plano até o grande objetivo dos quatro anos anteriores: vencer o Uruguai e vingar a tragédia de 16 de julho de 1950.

Zezé Moreira ainda acusou a Fifa de racismo: "Os árbitros europeus têm horror aos negros". E disse ao repórter de *O Cruzeiro* que essa revelação lhe tinha sido feita por um juiz do velho continente que visitara a concentração. Para o treinador, a Copa seria "uma guerra de raças". Assim, nossos jogadores – saudosos por natureza, vítimas de futuros preconceitos por parte dos juízes, tendo de responder diariamente a perguntas sobre a Hungria e intimados a defender a pátria com brio e destemor – viam chegar a hora de entrar em campo.

Templos da bola

A Suíça não construiu nenhum estádio para a Copa. E só reformou um, o de Lausanne. Assim, todos os palcos dos jogos do Mundial eram antigos e pequenos

Cidade	Estádio	Capacidade	Inauguração	Jogos
Berna	Wankdorf	42 000	1925	5
Basiléia	St. Jakob	36 800	1950	6
Zurique	Hardturm	17 700	1929	5
Lausanne	Olympique La Pontaise	15 900	1904	5
Lugano	Cornaredo	15 000	1951	1
Genebra	Des Charmilles	9 300	1930	4

A polêmica sobre o "trauma" dos jogadores brasileiros, incapazes de se superar em momentos decisivos, dominou os debates durante a Copa. Ao ver o goleiro Castilho se emocionar ao receber as primeiras fotos da filha Shirley, que nascera em Bonsucesso quando a Seleção já estava fora do país, o técnico Zezé Moreira comentou: "Nosso maior inimigo é a nostalgia. Os jogadores ficam horas e mais horas perdidos na saudade. Muitos escrevem cinco cartas por dia para a família".

A Seleção de 1954

O técnico Zezé Moreira foi diplomático na definição dos 22 convocados para a Copa de 1954, na Suíça. Chamou 11 atletas que jogavam em times de São Paulo e 11 do Rio de Janeiro. Na divisão por clube, 4 eram do Fluminense, 4 do São Paulo, 3 do Vasco, 3 do Flamengo, 3 da Portuguesa, 2 do Palmeiras, 2 do Corinthians e 1 do Botafogo. A relação completa era a seguinte.

O Brasil que foi à Suíça, mas não conseguiu conquistar a Copa do Mundo: Djalma Santos, Eli, Nilton Santos, Brandãozinho, Castilho e Pinheiro (em pé); Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues

Goleiros

Carlos José **Castilho**, 27 anos (27 de abril de 1927), do Fluminense
Veludo (Caetano da Silva), 23 anos (7 de agosto de 1930), do Fluminense
Cabeção (Luiz Moraes), 23 anos (23 de agosto de 1930), do Corinthians

Zagueiros

João Carlos Batista **Pinheiro**, 22 anos (13 de janeiro de 1932), do Fluminense
Mauro Ramos de Oliveira, 23 anos (30 de agosto de 1930), do São Paulo
Alfredo Ramos Castilho, 29 anos (27 de outubro de 1924), do São Paulo
Djalma dos **Santos**, 25 anos (27 de fevereiro de 1929), da Portuguesa
Paulinho (Paulo de Almeida Ribeiro), 22 anos (15 de abril de 1932), do Vasco
Nilton Santos, 29 anos (16 de maio de 1925), do Botafogo
Eli (Ely do Amparo), 33 anos (14 de maio de 1921), do Vasco
José Carlos **Bauer**, 28 anos (21 de novembro de 1925), do São Paulo

Volantes

Brandãozinho (Antenor Lucas), 29 anos (9 de junho de 1925), da Portuguesa
Dequinha (José Mendonça dos Santos), 26 anos (19 de março de 1928), do Flamengo

Armadores

Didi (Waldir Pereira), 25 anos (8 de outubro de 1928), do Fluminense
Rubens Josué da Costa, 25 anos (24 de novembro de 1928), do Flamengo

Atacantes

Julinho (Julio Botelho), 24 anos (29 de julho de 1929), da Portuguesa
Maurinho (Mauro Raphael), 21 anos (6 de junho de 1933), do São Paulo
Índio (Aloísio Francisco da Luz), 23 anos (1º de março de 1931), do Flamengo
Humberto Tozzi, 20 anos (4 de fevereiro de 1934), do Palmeiras
Baltazar (Oswaldo da Silva), 28 anos (14 de janeiro de 1926), do Corinthians
Pinga (José Lázaro Robles), 30 anos (11 de fevereiro de 1924), do Vasco
Francisco **Rodrigues**, 28 anos (27 de junho de 1925), do Palmeiras

Comissão técnica

Oficialmente, a delegação do Brasil tinha apenas sete membros:
Chefe: João Lyra Filho
Técnico: Zezé Moreira
Assistente técnico: Luiz Vinhaes
Médico: Newton Paes Barreto
Massagista: Mário Américo
Roupeiro: Aloísio Alves
Cozinheiro: Laudelino de Oliveira

Extra-oficialmente, porém, toda a diretoria da CBD foi à Suíça. O time "oficial" ficou num hotel e os "agregados", em outro.

Bicicleta: R$ 280,00.
Carrinho: R$ 99,00.
Lençol: R$ 70,00.

Bicicleta, carrinho e lençol o dia inteiro: não têm preço.

Existem coisas que o dinheiro não compra.
Para todas as outras existe MasterCard®.

O Mundial, jogo a jogo

Oitavas-de-final GRUPO A BRASIL, FRANÇA, IUGOSLÁVIA e MÉXICO

CABEÇAS DE CHAVE

O comitê organizador criou uma forma incrivelmente esdrúxula para as oitavas-de-final. As equipes foram divididas em quatro grupos, cada um deles com quatro países e, em vez de um cabeça de chave, dois. Por quê? Porque eles não se enfrentariam diretamente, fariam apenas os jogos contra as outras duas seleções da chave. Assim, cada Seleção só entraria em campo duas vezes e as duas que fizessem mais pontos passariam para as quartas-de-final. No caso de duas equipes terminarem empatadas, o saldo de gols não tinha valor: a vaga precisava ser decidida num jogo extra. A coisa era tão complicada que muitos dirigentes, incluindo os brasileiros, nem se deram ao trabalho de tentar explicá-la aos jogadores.

IUGOSLÁVIA 1 x 0 FRANÇA

Data: 16 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Olympique La Pontaise, em Lausanne
Público estimado: 15 900 pessoas
Gol: *Milutinovic* (14 do 1º)
Iugoslávia – *Beara, Stankovic e Horvat; Crnkovic, Cajkovski e Boskov; Milutinovic, Mitic, Vukas, Bobek e Zebec.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
França – *Remetter, Gianessi e Jonquet; Marche, Penverne e Marcel; Kopa, Glovacki, Strappe, Dereuddre e Vincent.*
Técnico: Pierre Pibarot
Juiz: Bryan Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Asensi (Espanha) e Baumberger (Suíça)

Ao vivo na telinha

Este foi o primeiro jogo da história das Copas a ter transmissão direta pela televisão. E também o primeiro em que os jogadores atuaram com numeração pessoal. Cada inscrito recebeu um número, de 1 a 22, para ser usado na camisa (o critério para definir essa numeração ficou a cargo de cada federação). Não se sabe como a França tomou essa decisão, pois não foi nem pela posição, nem por ordem alfabética. A Iugoslávia parecia estar mais estruturada: só o ponteiro-direito Milutinovic usava um número superior a 11. De qualquer forma, quem o escalou sabia o que estava fazendo, ou deu muita sorte: aos 14 minutos, ele chutou rasteiro da meia esquerda para marcar o único gol do jogo, dando prosseguimento ao "festival 1 x 0" que os iugoslavos haviam iniciado nas eliminatórias. O zagueiro francês Jonquet quebrou o nariz aos 39 minutos do segundo tempo, mas permaneceu em campo até o fim do jogo. E ele mostrou ser mesmo um grande azarado quando, quatro anos depois, jogando contra o Brasil na Copa de 1958, fraturou a perna. O técnico da Iugoslávia, Tirnanic, era o mesmo jogador que havia marcado o primeiro gol no Brasil em Copas de Mundo, em 1930, no Uruguai.

BRASIL 5 x 0 MÉXICO

Data: 16 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: des Charmilles, em Genebra
Público estimado: 9 000 pessoas
Gols: *Baltazar* (24), *Didi* (29), *Pinga* (34 e 42 do 1º); *Julinho* (23 do 2º)
Brasil – *Castilho, Djalma Santos e Pinheiro; Bauer, Brandãozinho e Nilton Santos; Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues.*
Técnico: Zezé Moreira
México – *Mota, Lopez e Cardenas; Gomez, Avalos e Romo; Torres, Naranjo, Lamadrid, Balcázar e Arellano.*
Técnico: Antonio Lopez Herranz
Juiz: Paul Wyssling (Suíça)
Auxiliares: Costa (Portugal) e Schonholzer (Suíça)

Estréia fácil

Arrumadinho, de 1 a 11, o Brasil estreou vencendo com inesperada facilidade. O México atuou sem seu goleiro titular, Carbajal, e o reserva Salvador Mota não tomou nenhum frango, mas também não fez nenhuma defesa difícil. Baltazar, num chute rasteiro da meia-lua, depois de tabelar com Pinga, marcou o primeiro gol. Didi, cobrando falta também da meia-lua, marcou o segundo. E o Brasil passeou em campo. Pinga fez mais 2 no primeiro tempo e fomos para o vestiário vencendo por 4 x 0. Embora a etapa final tenha sido disputada num ritmo mais arrastado, Julinho ainda brindou o público com uma pintura de gol, ao driblar dois mexicanos num espaço mínimo, no bico esquerdo da grande área, e chutar cruzado, com efeito, no ângulo direito de Mota. Como Brasil e França eram os cabeças de chave, não se enfrentariam diretamente. Assim, bastava um empate contra a Iugoslávia – que também tinha vencido na estréia – para os dois se classificarem. Já a França precisava vencer o México e torcer por uma vitória de brasileiros ou iugoslavos para decidir a vaga com o perdedor, numa partida extra.

FRANÇA 3 x 2 MÉXICO

Data: 19 de junho de 1954, sábado
Horário: 17h15
Estádio: des Charmilles, em Genebra
Público estimado: 9 300 pessoas
Gols: *Vincent* (19 do 1º); *Cardenas* (contra, 1), *Lamadrid* (9), *Balcázar* (40) e *Kopa* (pênalti, 43 do 2º)
França – *Remetter, Gianessi e Kaelbel; Marche, Mahjoub e Marcel; Kopa, Bentifour, Strappe, Dereuddre e Vincent.*
Técnico: Pierre Pibarot
México – *Carbajal, Lopez e Cardenas; Martinez, Avalos e Romo; Torres, Naranjo, Lamadrid, Balcázar e Arellano.*
Técnico: Antonio Lopez Herranz
Juiz: Manuel Asensi (Espanha)
Auxiliares: Franken (Bélgica) e Baumberger (Suíça)

Vitória inútil

Carbajal voltou ao gol mexicano e os franceses foram para cima, pois precisavam ganhar para continuar sonhando. No segundo tempo, após levar o segundo gol logo no primeiro minuto (um carrinho de Cardenas contra as próprias redes), o México partiu com coragem para o ataque e conseguiu um heróico empate a 5 minutos do fim do jogo. Mas 3 minutos depois Vincent ficou livre na área mexicana, tendo apenas Lopez à sua frente. Ele chutou e o zagueiro atirou-se ao chão para obstruir a passagem da bola, meio de costas, mas com os braços estendidos. A bola desviou antes de sobrar para Carbajal. O juiz espanhol Asensi marcou o pênalti, apesar dos protestos mexicanos. Kopa cobrou e desempatou. Mas a vitória acabou sendo inútil. Com o empate entre Brasil e Iugoslávia, ambos foram a 3 pontos e a França, com apenas 2, se despediu da Copa de 1954.

BRASIL 1 x 1 IUGOSLÁVIA
(1 x 1 no tempo normal)

Data: 19 de junho de 1954, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: Olympique La Pontaise, em Lausanne
Público estimado: 15 900 pessoas
Gols: *Zebec* (4) e *Didi* (24 do 2º)
Brasil – *Castilho, Djalma Santos e Pinheiro; Bauer, Brandãozinho e Nilton Santos; Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues.*
Técnico: Zezé Moreira
Iugoslávia – *Beara, Stankovic e Horvat; Crnkovic, Cajkovski e Boskov; Milutinovic, Mitic, Vukas, Dvornic e Zebec.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
Juiz: Charles Faultless (Escócia)
Auxiliares: Steiner (Áustria) e Von Gunten (Suíça)

Viva a desinformação

Segundo a imprensa presente, foi um jogo de alto nível. A Iugoslávia com o tradicional sistema europeu de passes curtos, deslocamentos constantes e ênfase no conjunto e o Brasil com seu estilo mais individualista, cheio de dribles e de improvisações. Logo no início do jogo, Rodrigues se machucou e passou a fazer número em campo. Assim, com um a menos, o empate em 0 x 0 na primeira etapa não deixou de ser um resultado aceitável. No início do segundo tempo, num cochilo da nossa zaga, o ponteiro Zebec deslocou-se para o centro do ataque, recebeu de Vukas e chutou forte e rasteiro de fora da área, no canto direito de Castilho, marcando 1 x 0. Para alívio dos brasileiros, Didi, num de seus chutes venenosos de fora da área, empatou o jogo aos 24 minutos. Foi o primeiro gol sofrido pela compacta defesa da Iugoslávia em mais de um ano. No último minuto, os brasileiros ainda reclamaram de uma decisão do juiz Faultless, que teria transformado um pênalti claro em uma falta em dois lances. "Roubada a vitória do Brasil!", bradou no dia seguinte o jornal carioca *O Dia*. A única coisa a favor do árbitro era seu nome: *Faultless*, em inglês, quer dizer "sem culpa". A partida terminou 1 x 1 e, como ditava o regulamento, foi para uma prorrogação com dois tempos de 15 minutos. Se continuasse a igualdade, tudo bem. A pergunta óbvia era: para que, então, jogar o tempo extra? Mas, segundo a lenda, os atletas brasileiros, totalmente desinformados, partiram para o ataque em busca da vitória. Surpresos, os iugoslavos procuravam demonstrar, com mímica, que o empate classificaria os dois países. Mas os craques verde-amarelos tomaram os gestos como provocação e o que se viu foram 30 minutos de bate-rebate na área deles. Ao ver os adversários se abraçando e comemorando após o apito do juiz, os brasileiros deixaram o campo de cabeça baixa. Só no vestiário foram informados de que também a nossa Seleção estava com passagem garantida para as quartas.

Oitavas-de-final

CABEÇAS DE CHAVE

GRUPO B HUNGRIA, TURQUIA, ALEMANHA e CORÉIA DO SUL

Por que a Alemanha não foi cabeça de chave? A decisão da Fifa foi disciplinar: o país tinha sido expulso em 1945, após o fim da Segunda Guerra, e só em 1950 foi readmitido. A Copa de 1954 era a primeira após o castigo e a federação achou melhor dar esse privilégio à Turquia. Assim, os turcos não enfrentaram os húngaros nas oitavas-de-final. Mas os alemães, sim.

Longa viagem

Seis dias antes da estréia, a delegação sul-coreana tomou um trem de Seul até Busan, de onde seguiu de barco até o Japão. Lá, um grupo seguiu num vôo regular da Air France e o restante pegou carona num avião que só chegou à Suíça na véspera. Os atletas fizeram exercícios no hotel e dormiram até a hora de entrar no campo.

HUNGRIA 9 x 0 CORÉIA DO SUL

Data: 17 de junho de 1954, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Hardturm, em Zurique
Público estimado: 13 000 pessoas
Gols: *Puskás* (11), *Lantos* (18) e *Kocsis* (24 e 36 do 1º); *Kocsis* (5), *Czibor* (14), *Palotas* (30 e 38) e *Puskás* (44 do 2º)
Hungria – *Grosics, Buzánski e Lóránt; Lantos, Bozsic e Szojka; Budai, Kocsis, Palotas, Puskás e Czibor.*
Técnico: Gyula Mandi
Coréia do Sul – *Hong Yung, Park Jong e Park Sung; Kang Chi, Chu Kwang e Ming Dai; Park Kap, Choi Min, Woo Kwon, Sung Woon e Chung Sik.*
Técnico: Kim Sik
Juiz: Raymond Vincenti (França)
Auxiliares: Steiner (Áustria) e Von Gunten (Suíça)

Jogo ou treino?

É óbvio que não houve confronto – mas apenas um treino para a Hungria. Ninguém esperava que os asiáticos pudessem criar dificuldades, mas eles se mostraram tão mal condicionados fisicamente que nem conseguiam fazer faltas para parar o ataque magiar – apenas cinco infrações foram anotadas pelo juiz, uma delas transformada no segundo gol, por Lantos. Os húngaros, aliás, terminaram o jogo estabelecendo um recorde impossível de ser superado em Copas e muito difícil de ser igualado: não cometeram nenhuma falta durante os 90 minutos. Com 3 gols, Kocsis iniciou sua marcha para ser o artilheiro da competição.

ALEMANHA 4 x 1 TURQUIA

Data: 17 de junho de 1954, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Wankdorf, em Berna
Público estimado: 28 000 pessoas
Gols: *Suat* (3) e *Schafer* (12 do 1º); *Klodt* (6), *Ottmar Walter* (15) e *Morlock* (39 do 2º)
Alemanha – *Turek, Laband e Posipal; Kohlmeyer, Eckel e Mai; Klodt, Morlock, Ottmar Walter, Fritz Walter e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Turquia – *Turgay, Ridvan e Basri; Mustafa, Çetin e Rober; Erol, Suat, Feridun, Burhan e Lefter.*
Técnico: Sandro Puppo
Juiz: José Vieira da Costa (Portugal)
Auxiliares: Zsolt (Hungria) e Merlotti (Suíça)

Sem convencer

Os turcos começaram no ataque e marcaram seu gol logo aos 3 minutos. Mas os metódicos alemães conseguiram esfriar o entusiasmo adversário e vencer por 4 x 1. Apesar de dilatada, a vitória não impressionou ninguém. Terminado o jogo, os jornalistas presentes concordaram que a Alemanha não teria fôlego para ir muito longe na Copa, até porque seu principal atleta, o capitão Fritz Walter, já estava com 34 anos.

HUNGRIA 8 x 3 ALEMANHA

Data: 20 de junho de 1954, domingo
Horário: 16h45
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 36 800 pessoas
Gols: *Kocsis* (4), *Puskás* (17), *Kocsis* (21) e *Pfaff* (25 do 1º); *Hidegkuti* (7 e 10), *Kocsis* (24), *Toth* (30), *Rahn* (33), *Kocsis* (34) e *Hermann* (39 do 2º)
Hungria – *Grosics, Buzánski e Lóránt; Lantos, Bozsic e Zakariás; Toth, Kocsis, Hidegkuti, Puskás e Czibor.*
Técnico: Gyula Mandi
Alemanha – *Kwiatowski, Bauer e Liebrich; Kohlmeyer, Posipal e Mebus; Rahn, Eckel, Fritz Walter, Pfaff e Hermann.*
Técnico: Sepp Herberger
Juiz: William Ling (Inglaterra)
Auxiliares: Griffiths (País de Gales) e Schicker (Suíça)

Rei do regulamento

O entusiasmo dos torcedores germânicos se transformou em surpresa quando a Seleção entrou em campo: vários titulares haviam sido sacados pelo técnico Sepp Herberger. E outros, como Posipal, estavam fora de posição. O que aquilo significava? Que Herberger tinha entendido muito bem o regulamento. Ao invés de expor a equipe a uma dura disputa, com poucas chances de vitória, preferiu poupar vários atletas para o jogo que realmente interessava: o desempate contra a Turquia. Como os alemães já tinham vencido os turcos e como certamente estes bateriam a Coréia do Sul, ambos terminariam a chave com uma vitória e uma derrota e teriam de fazer o confronto extra. Já prevendo a derrota para a favoritíssima Hungria, Herberger disse aos titulares que queria vê-los descansados para a decisão. Escalou os reservas e a Hungria, inteirinha, fez o que tinha de fazer: deu um banho de bola. Kocsis marcou mais 4 gols, chegando a 7 em apenas dois jogos. Apesar da vitória, os húngaros saíram no prejuízo: aos 15 minutos do segundo tempo, Puskás levou uma entrada por trás de Liebrich, desabou de mau jeito e sofreu uma séria torção no tornozelo. O craque deixou o campo e, sem condições sequer de caminhar até o vestiário, ficou sentado na linha lateral, exibindo a perna inchada para os jornalistas. Muitos chegaram a afirmar que ele não teria condições de voltar durante a Copa.

Da janela do trem

Os alemães fretaram vários trens para ir a Basiléia (no norte da Suíça, junto à fronteira com seu país) e a superlotação originou uma solução criativa. O estádio St. Jakob ficava num vale e um ramal ferroviário passava pelo alto da encosta que fazia divisa com o campo. Então, a companhia de trens (SBB) estacionou vários vagões no local e cobrou ingresso dos torcedores para ver a peleja das janelas da composição.

TURQUIA 7 x 0 CORÉIA DO SUL

Data: 20 de junho de 1954, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: des Charmilles, em Genebra
Público estimado: 4 100 pessoas
Gols: *Suat* (10), *Lefter* (18), *Suat* (30) e *Burhan* (38 do 1º); *Burhan* (18 e 20) e *Erol* (31 do 2º)
Turquia – *Turgay, Ridvan e Basri; Mustafa, Çetin e Rober; Erol, Suat, Feridun, Burhan e Lefter.*
Técnico: Sandro Puppo
Coréia do Sul – *Hong Yung, Park Jong e Han Wha; Lee Kap, Kang Chi e Kim Sung; Woo Kwon, Choi Keun, Lee Nam, Lee Chu e Chung Chin.*
Técnico: Kim Sik
Juiz: Esteban Marino (Uruguai)
Auxiliares: Orlandini (Itália) e Schonholzer (Suíça)

Massacre previsível

O público, desinteressado, nem compareceu ao jogo, proporcionando a renda mais baixa da Copa. E, como dizia a velha anedota, o técnico sul-coreano Kim Sik fez oito alterações, mas o time continuou igualzinho. Pelo menos praticamente todos os jogadores que enfrentaram a longa viagem puderam entrar em campo e mostrar o estágio do futebol no país: inocente e rudimentar. Terminado o jogo, a Coréia do Sul tinham acumulado um recorde negativo histórico: 16 gols contra e nenhum a favor em apenas duas exibições. A Turquia aproveitou para afiar a tática para o desempate contra a Alemanha, três dias mais tarde.

ALEMANHA 7 x 2 TURQUIA

Data: 23 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Hardturm, em Zurique
Público estimado: 17 000 pessoas
Gols: *Ottmar Walter (7), Schafer (12), Mustafa (17)* e *Morlock (31 do 1º); Morlock (15), Fritz Walter (17), Morlock (32), Schafer (34)* e *Lefter (39 do 2º)*
Alemanha – *Turek, Laband e Posipal; Bauer, Eckel e Mai; Klodt, Morlock, Ottmar Walter, Fritz Walter e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Turquia – *Sükrü, Ridvan e Basri; Naci, Çetin e Rober; Erol, Mustafa, Necmi, Lefter e Coskun.*
Técnico: Sandro Puppo
Juiz: Raymond Vincenti (França)
Auxiliares: Faultless (Escócia) e Dorflinger (Suíça)

Estratégia acertada

Os turcos convidaram o garoto-talismã italiano Luigi Franco Gemma – o do sorteio que eliminou a Espanha – para ir a Zurique. Mas desta vez ele não conseguiu ajudar muito... Numa tentativa de surpreender os alemães, o técnico da Turquia, o italiano Sandro Puppo, fez várias alterações na equipe, principalmente no ataque. O trio central (Suat, Feridun e Burhan) havia atuado bem nas eliminatórias e contra a Coréia do Sul. Mas foi considerado muito peso-mosca para encarar os armários da defesa germânica e deu lugar a atletas mais fortes. Na prática, a teoria foi para o vinagre e a Alemanha, com relativa simplicidade, fez 7 x 1 e só no fim do jogo levou o segundo. É verdade que a situação ficou complicada para os turcos ainda no primeiro tempo: o goleiro Ersoy Sükrü, que entrou no lugar do titular Seren Turgay, machucou o ombro quando estava 2 x 1, mas teve de continuar, já que não eram permitidas substituições. Assim, a aposta de Sepp Herberger funcionou e a Alemanha acompanhou a Hungria em direção às quartas-de-final. Turquia e Coréia do Sul estavam fora da Copa. De quebra, o quarto gol alemão, marcado por Max Morlock, foi o 400º da história das Copas.

Morlock: ele fez 3 gols no jogo, um deles o 400º da história das Copas

CABEÇAS DE CHAVE

Oitavas-de-final GRUPO C ÁUSTRIA, URUGUAI, ESCÓCIA e TCHECOSLOVÁQUIA

Logo após o sorteio, o grupo C foi batizado de "da morte", pois tinha quatro seleções de alto nível: Áustria, Escócia, Tchecoslováquia e Uruguai. A maior expectativa era em torno dos uruguaios, que defendiam a condição de campeões com um time bem renovado em relação a 1950, mas no qual ainda despontavam os veteranos Maspoli e Obdulio Varela, ambos com 36 anos. Outros três remanescentes da conquista do Maracanã eram Schiaffino, Miguez e Rodríguez Andrade. A Federação Uruguaia tentou a liberação de Ghiggia, que jogava pela Roma, mas não foi atendida.

ÁUSTRIA 1 x 0 ESCÓCIA

Data: 16 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Hardturm, em Zurique
Público estimado: 17 700 pessoas
Gol: *Probst* (32 do 1º)
Áustria – *Schmied, Hanappi e Happel; Barschandt, Ocwirk e Koller; Robert Körner, Schleger, Dienst, Probst e Alfred Körner.*
Técnico: Walter Nausch
Escócia – *Martin, Cunningham e Aird; Docherty, Davidson e Cowie; McKenzie, Fernie, Mochan, Brown e Ormond.*
Técnico: Andy Beattie
Juiz: Laurent Franken (Bélgica)
Auxiliares: Vianna (Brasil) e Gulde (Suíça)

Poucas oportunidades

Depois da Segunda Guerra, a Áustria voltou a apresentar o estilo de jogo que tinha feito sua fama na década de 1930: as triangulações curtas. Já a Escócia representava a essência do "padrão britânico": muito vigor físico e constantes cruzamentos para a área. Poucas oportunidades surgiram durante o jogo e cada time aproveitou uma. A Áustria, quando o oportunista Probst achou um espaço dentro da área para arrematar e fazer o gol da vitória. E a Escócia marcou no último minuto, mas o juiz Franken não viu. Numa confusão na área, a bola ultrapassou a linha, mas foi rápida e espertamente puxada de volta pelo goleiro Schmied. De qualquer forma, a Escócia parecia não acreditar que ia longe na Copa: embora tenha inscrito 22 jogadores – como determinava o regulamento –, levou apenas 13 para a Suíça.

URUGUAI 2 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 16 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Wankdorf, em Berna
Público estimado: 21 000 pessoas
Gols: *Miguez* (25) e *Schiaffino* (39 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Santamaría e William Martinez; Rodríguez Andrade, Obdulio Varela e Cruz; Abbadie, Ambrois, Miguez, Schiaffino e Borges.*
Técnico: Juan Lopez
Tchecoslováquia – *Reimann, Safránek e Hledik; Novak, Trnka e Hertl; Hlavacek, Hemele, Kacani, Pazicky e Pesek.*
Técnicos: Oldrich Nejedly, Josef Cejp e Karol Borhy
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Ling (Inglaterra) e Schicker (Suíça)

Sempre no controle

Embora tenha construído o marcador apenas no quarto final da partida, o time do Uruguai esteve no controle o tempo todo. Aos 25 minutos do segundo tempo, Miguez fez 1 x 0, aproveitando uma bobeira da defesa tcheca para surgir sozinho na cara do goleiro Reimann. Seis minutos antes do fim do jogo, Schiaffino, recém-contratado pelo Milan da Itália por 50 milhões de liras (aproximadamente 27 000 dólares, ao câmbio da época), marcou de falta o segundo tento uruguaio. Assim, austríacos e uruguaios, os dois cabeças de chave, venceram na estréia e só precisavam de mais um empate na rodada seguinte para passar tranqüilamente às quartas-de-final.

URUGUAI 7 x 0 ESCÓCIA

Data: 19 de junho de 1954, sábado
Horário: 16h45
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 34 000 pessoas
Gols: *Borges* (17) e *Miguez* (31 do 1º); *Borges* (3), *Abbadie* (10), *Borges* (13), *Miguez* (37) e *Abbadie* (39 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Santamaría e William Martinez; Rodríguez Andrade, Obdulio Varela e Cruz; Abbadie, Ambrois, Miguez, Schiaffino e Borges.*
Técnico: Juan Lopez
Escócia – *Martin, Cunningham e Aird; Docherty, Davidson e Cowie; McKenzie, Fernie, Mochan, Brown e Ormond.*
Técnico: Comissão técnica da Federação Escocesa
Juiz: Vincenzo Orlandini (Itália)
Auxiliares: Wyssling (Suíça) e Guidi (Suíça)

Me inclua fora dessa

Após a derrota para a Áustria, o técnico escocês Andy Beattie pediu demissão e voltou para Glasgow, descontente com as intromissões da comissão técnica em seu trabalho. Assim, virou o único treinador até hoje a se demitir durante a realização de uma Copa do Mundo. Contra o Uruguai, a Escócia foi comandada pelos outros quatro dirigentes. Com os jogadores claramente descontentes com a saída de Beattie e com quatro palpiteiros para mandar, deu no que tinha de dar: um desastre épico. As duas grandes figuras do Uruguai foram os ponteiros Julio Cesar Abbadie e Carlos Borges, ambos do Peñarol, que anotaram 5 gols e infernizaram a defesa adversária com dribles em velocidade pelas pontas e incursões de surpresa pelo meio da área. Com a goleada, o Uruguai passou tranqüilamente para as quartas.

ÁUSTRIA 5 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 19 de junho de 1954, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: Hardturm, em Zurique
Público estimado: 17 500 pessoas
Gols: *Stojaspal* (3) e *Probst* (4, 21 e 24 do 1º); *Stojaspal* (20 do 2º)
Áustria – *Schmied, Hanappi e Happel; Barschandt, Ocwirk e Koller; Robert Körner, Wagner, Stojaspal, Probst e Alfred Körner.*
Técnico: Walter Nausch
Tchecoslováquia – *Stacho, Safránek e Pluskal; Novak, Trnka e Hertl; Hlavacek, Hemele, Kacani, Pazicky e Kraus.*
Técnicos: Oldrich Nejedly, Josef Cejp e Karol Borhy
Juiz: Vasa Stefanovic (Iugoslávia)
Auxiliares: Dorflinger (Suíça) e Gulde (Suíça)

Decisão rápida

Em apenas 4 minutos a Áustria abriu 2 gols e praticamente decidiu a questão. Apesar de não ter marcado, o armador Theodor Wagner, do Wacker de Viena, que estreava na Copa, trouxe a criatividade que faltara ao ataque na estréia. Seus passes precisos permitiram que o meia Erich Probst, do Rapid de Viena, especialista em se desmarcar dentro da área, recebesse as bolas que não chegaram na partida anterior e anotasse 3 gols no primeiro tempo. Assim, junto com o Uruguai, a Áustria seguiu adiante. E a Tchecoslováquia decepcionou os que haviam afirmado que ela seria uma boa "surpresa".

Oitavas-de-final

CABEÇAS DE CHAVE

GRUPO D INGLATERRA, ITÁLIA, BÉLGICA e SUÍÇA

O grupo era uma incógnita. Se dependesse só do cartaz, Inglaterra e Itália passariam para a fase seguinte. Mas nenhuma das duas vivia um bom momento. Os ingleses ainda não haviam achado o rumo depois das duas goleadas sofridas para a Hungria. E a Itália, em sua última apresentação antes da Copa, em abril, perdera para a França, em Paris, por 3 x 1. Assim, Suíça e Bélgica, que não tinham equipes fortes, podiam até surpreender. Principalmente a Suíça, por jogar em casa.

SUÍÇA 2 x 1 ITÁLIA

Data: 17 de junho de 1954, quinta-feira
Horário: 17h45
Estádio: Olympique La Pontaise, em Lausanne
Público estimado: 15 900 pessoas
Gols: *Ballamann* (18) e *Boniperti* (44 do 1º); *Hügi* (34 do 2º)
Suíça – *Parlier, Neury e Flückiger; Bocquet, Kernen e Ballamann; Meier, Volanthen, Casali, Hügi e Fatton.*
Técnico: Karl Rappan
Itália – *Ghezzi, Vincenzi e Tognon; Giacomazzi, Neri e Nesti; Muccinelli, Pandolfini, Galli, Boniperti e Lorenzi.*
Técnico: Lajos Czeizler
Juiz: Mario Gonçalves Vianna (Brasil)
Auxiliares: Asensi (Espanha) e Marino (Uruguai)

Ladrão. E brasileiro

A torcida suíça superlotou o acanhado estádio de Lausanne e comemorou uma vitória memorável. Mas também sofreu um bocado, vendo a Itália jogar melhor durante os 90 minutos. A crônica esportiva européia atribuiu boa parcela do resultado final ao juiz brasileiro Mario Vianna, que teria tolerado o jogo pesado e desleal dos donos da casa e coibido qualquer tentativa italiana de dar o troco na mesma moeda. Já o jornal italiano *Gazzetta Dello Sport* não poupou palavras: *"Arbitraggio scandaloso!"*. Aos 25 minutos do segundo tempo – com o placar em 1 x 1 –, Mario Vianna anulou 1 gol legítimo de Lorenzi, por impedimento. Da ponta direita, Galli chutou para o gol, a bola bateu na trave e voltou para Lorenzi, sozinho na pequena área – mas em posição legal no momento do chute. Ao correr para o local, Mario Vianna foi cercado e empurrado para dentro do gol suíço pelo time italiano. Forte e valente, o árbitro safou-se distribuindo safanões. Completamente desestabilizada, a Itália levou o segundo 9 minutos depois. Depois da partida, ainda revoltados, os atletas perseguiram o brasileiro até dentro do vestiário e tiveram de ser contidos pela polícia.

INGLATERRA 4 x 4 BÉLGICA
(3 x 3 no tempo normal)

Data: 17 de junho de 1954, quinta-feira
Horário: 18h15
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 21 000 pessoas
Gols: *Anoul* (6), *Broadis* (25) e *Lofthouse* (37 do 1º); *Broadis* (17), *Anoul* (27) e *Coppens* (31 do 2º); *Lofthouse* (2) e *Dickinson* (contra, 3 do 1º da prorrogação)
Inglaterra – *Merrick, Staniforth e Byrne; Wright, Owen e Dickinson; Matthews, Broadis, Lofhouse, Taylor e Finney.*
Técnico: Walter Winterbottom
Bélgica – *Gernaey, Dries e Carre; Van Brandt, Huysmans e Mees; Piet van den Bosch, Houf, Coppens, Anoul e Mermans.*
Técnico: Douglas Livingstone
Juiz: Emil Schmetzer (Alemanha)
Auxiliares: Büchmuller (Suíça) e Rufli (Suíça)

Sob pressão

A Inglaterra mostrou que ainda não tinha recuperado seu decantado autocontrole. Numa partida que poderia ter vencido sem muito esforço, principalmente após ter feito 3 x 1 no início do segundo tempo, permitiu que a Bélgica alcançasse o empate e levasse a disputa para a prorrogação. No tempo extra, Lofhouse ainda fez 4 x 3 para os ingleses logo aos 2 minutos. Mas no lance seguinte o lateral Dickinson colocou a cabeça na bola, numa falta cobrada sem muito perigo por Dries, e marcou contra. O *English Team* perdeu o ânimo que lhe restava e resignou-se com o empate. Como em Brasil x Iugoslávia, a prorrogação só serviu para cansar todo mundo.

ITÁLIA 4 x 1 BÉLGICA

Data: 20 de junho de 1954, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Cornaredo, em Lugano
Público estimado: 15 000 pessoas
Gols: *Pandolfini* (pênalti, 41 do 1º); *Galli* (5), *Frignani* (13), *Lorenzi* (28) e *Anoul* (36 do 2º)
Itália – *Ghezzi, Magnini e Tognon; Giacomazzi, Neri e Nesti; Frignani, Pandolfini, Galli, Cappello e Lorenzi.*
Técnico: Lajos Czeizler
Bélgica – *Gernaey, Dries e Carre; Van Brandt, Huysmans e Mees; Piet van den Bosch, Hipolyte van den Bosch, Coppens, Anoul e Mermans.*
Técnico: Douglas Livingstone
Juiz: Erich Steiner (Áustria)
Auxiliares: Schmetzer (Alemanha) e Merlotti (Suíça)

Invasão à italiana

Cidade suíça na fronteira com a Itália, Lugano recebeu milhares de *tifosi* que foram incentivar sua Seleção num jogo de vida ou morte – se perdesse ou empatasse, a Itália estaria fora, enquanto a Bélgica podia se dar bem com um empate. Os italianos dominaram o primeiro tempo, mas as oportunidades de gol foram desperdiçadas por excesso de nervosismo. Finalmente, aos 41 minutos, Dries derrubou Frignani na área e o árbitro assinalou o pênalti, que Pandolfini converteu. O gol acalmou a Itália, que voltou mais tranqüila para a etapa final e resolveu tudo em menos de 15 minutos, com gols de Galli – de peixinho – e Frignani – graças à preciosa colaboração do goleiro belga, que fez uma defesa, mas ao sair correndo para despachar a bola para o ataque deixou-a cair nos pés do atacante adversário. Na meia hora final, a atenção da Itália já estava toda voltada para Berna, onde ingleses e suíços jogavam. Se a Inglaterra vencesse, os italianos teriam de disputar um jogo extra contra os donos da casa – o que de fato ocorreu.

INGLATERRA 2 x 0 SUÍÇA

Data: 20 de junho de 1954, domingo
Horário: 17h15
Estádio: Wankdorf, em Berna
Público estimado: 42 000 pessoas
Gols: *Mullen* (43 do 1º); *Wilshaw* (24 do 2º)
Inglaterra – *Merrick, Staniforth e Byrne; McGarry, Wright e Dickinson; Finney, Broadis, Taylor, Wilshaw e Mullen.*
Técnico: Walter Winterbottom
Suíça – *Parlier, Neury e Eggimann; Bocquet, Kernen e Ballamann; Bigler, Antenen, Meier, Volanthen e Fatton.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Istvan Zsolt (Hungria)
Auxiliares: Stefanovic (Iugoslávia) e Costa (Portugal)

Apostas arriscadas

O técnico da Suíça fez duas alterações no ataque para reforçar o meio de campo. Afinal, o empate bastava. Já o treinador inglês, sem poder contar com sua maior estrela, o ponta Stanley Matthews, machucado, fez modificações que, se não dessem certo, poderiam lhe custar caro. Primeiro, transformou o médio Billy Wright (que já tinha 30 anos) em centromédio, dando-lhe a incumbência de proteger a defesa e municiar o ataque. Depois, escalou o ponteiro-esquerdo Finney como ponta-direita. E apostou na ala esquerda do Wolverhampton, Wilshaw e Mullen. Funcionou. Numa partida disputada sob um calor de 31 graus, a Inglaterra fez 1 gol em cada tempo (justamente pelos pés de Wilshaw e Mullen) e garantiu a classificação com uma vitória e um empate. E restava uma vaga, que Itália e Suíça – ambas com uma vitória e uma derrota – disputariam num confronto extra, três dias depois. Com um juiz mais neutro que Mario Vianna, diziam os italianos, a classificação viria. E a Fifa, para mostrar que não haveria protecionismo para os donos da casa, anunciou já na segunda-feira que o galês Bryan Griffiths, um árbitro acima de qualquer suspeita, apitaria a decisão.

SUÍÇA 4 x 1 ITÁLIA

Data: 23 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 36 800 pessoas
Gols: *Hügi* (12 do 1º); *Ballamann* (3), *Nesti* (22), *Hügi* (40) e *Fatton* (45 do 2º)
Suíça – *Parlier, Neury e Eggimann; Bocquet, Kernen e Ballamann; Casali, Antenen, Volanthen, Hügi e Fatton.*
Técnico: Karl Rappan
Itália – *Viola, Magnini e Tognon; Giacomazzi, Mari e Nesti; Frignani, Pandolfini, Segato, Muccinelli e Lorenzi.*
Técnico: Lajos Czeizler
Juiz: Bryan Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Ling (Inglaterra) e Costa (Portugal)

Olha o tomate!

Na volta da Azzurra para casa, os torcedores italianos, revoltados com a eliminação, foram até a estação de Milão aguardar o trem que conduzia a delegação. E inauguraram a moda de atirar tomates podres nos jogadores.

Poderosa retranca

O técnico da Itália, o húngaro Lajos Czeizler, fez três modificações no ataque (além de substituir o contundido goleiro Ghezzi por Viola). Mas Hügi abriu o marcador logo aos 12 minutos. Aí, o treinador da Suíça, o austríaco Karl Rappan, inventor do "ferrolho" defensivo, imediatamente recuou seus dois meias para a linha que divide o gramado e o trio de médios para perto da grande área, fechando a passagem do ataque adversário. Durante o resto do jogo os italianos mostraram mais técnica, mas os suíços anotaram mais 3 gols em contra-ataques e, sem a mãozinha do juiz, se classificaram.

Quartas-de-final

O confuso sistema das oitavas-de-final classificava duas equipes de cada grupo, mas não definia a primeira e a segunda colocação. Assim, um novo sorteio foi necessário para decidir os cruzamentos das quartas. Na segunda-feira 21 de junho, o uruguaio Lorenzo Villizio, membro do comitê organizador, sorteou os papéis. E o Brasil ficou sabendo o que a sorte lhe reservara: enfrentar a Hungria já no domingo seguinte. A imprensa verde-amarela passou a chamar o jogo de "final antecipada", mostrando certa desconsideração para com outras seleções que estavam bem – principalmente o Uruguai, que vinha de duas belas vitórias, com 9 gols a favor e nenhum contra.

ÁUSTRIA 7 x 5 SUÍÇA

Data: 26 de junho de 1954, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: Olympique La Pontaise, em Lausanne
Público estimado: 15 900 pessoas
Gols: *Ballamann* (16), *Hügi* (17 e 23), *Wagner* (25), *Alfred Körner* (27), *Wagner* (28), *Ocwirk* (32), *Alfred Körner* (34) e *Ballamann* (41 do 1º); *Wagner* (7), *Hügi* (13) e *Probst* (31 do 2º)
Áustria – *Schmied, Hanappi e Happel; Barschandt, Ocwirk e Koller; Robert Körner, Wagner, Stojaspal, Probst e Alfred Körner.*
Técnico: Walter Nausch
Suíça – *Parlier, Neury e Eggimann; Bocquet, Kernen e Ballamann; Casali, Antenen, Volanthen, Hügi e Fatton.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Charles Faultless (Escócia)
Auxiliares: Schmetzer (Alemanha) e Asensi (Espanha)

Que canseira

Seis das oito seleções classificadas para as quartas-de-final tiveram uma semana de descanso. As exceções foram a Suíça, que teve de encarar a Áustria apenas três dias depois do desempate com a Itália, e a Alemanha, que ainda teve um dia a mais para se preparar para o confronto com a Iugoslávia depois do jogo extra contra a Turquia.

Calor e chuva de gols

Um jogo maluco, disputado debaixo de uma canícula também fora do comum: 36 graus. O primeiro tempo foi antológico: a Suíça abriu 3 x 0 em 7 minutos. Em seguida, a Áustria virou para 5 x 3 em 9 minutos. No finalzinho do primeiro tempo, Ballamann ainda descontou para os suíços e a Áustria perdeu um pênalti, cobrado para fora por Alfred Körner. Na etapa final, saíram mais 2 gols em 6 minutos – um para cada lado – e o calor e o cansaço tomaram conta das duas equipes. Aos 31 minutos, Probst ainda achou fôlego para fazer 7 x 5, após dar um pique da intermediária suíça até dentro da área. A Suíça foi eliminada, mas entrou para o livro dos recordes: esta é a partida com o maior número de gols em toda a história das Copas.

URUGUAI 4 x 2 INGLATERRA

Data: 26 de junho de 1954, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 28 000 pessoas
Gols: *Borges* (5), *Lofthouse* (15) e *Obdulio Varela* (38 do 1º); *Schiaffino* (1), *Finney* (23) e *Ambrois* (32 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Santamaría e William Martinez; Rodríguez Andrade, Obdulio Varela e Cruz; Abbadie, Ambrois, Miguez, Schiaffino e Borges.*
Técnico: Juan Lopez
Inglaterra – *Merrick, Staniforth e Byrne; McGarry, Wright e Dickinson; Matthews, Broadis, Lofthouse, Wilshaw e Finney.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Erich Steiner (Áustria)
Auxiliares: Orlandini (Itália) e Stefanovic (Iugoslávia)

Jogo de alto nível

O Uruguai eliminou a Inglaterra num jogo muito elogiado. A Inglaterra atuou completa, com a volta dos ponteiros Matthews e Finney. E o capitão uruguaio Obdulio Varela se machucou no fim do primeiro tempo e teve de passar o resto da partida fazendo número. Schiaffino virou centromédio e Borges ocupou a meia esquerda. Apesar das improvisações e de atuar com um a menos, o Uruguai venceu com méritos. E a Inglaterra finalmente apresentou um futebol de alto nível numa Copa. Mas, infelizmente para os ingleses, isso aconteceu exatamente num dia em que o Uruguai estava irresistível. No final, a torcida presente aplaudiu longamente as duas equipes.

ALEMANHA 2 x 0 IUGOSLÁVIA

Data: 27 de junho de 1954, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: des Charmilles, em Genebra
Público estimado: 9 000 pessoas
Gols: *Horvat* (contra, 10 do 1º); *Rahn* (41 do 2º)
Alemanha – *Turek, Laband e Liebrich; Kohlmeyer, Eckel e Mai; Rahn, Morlock, Ottmar Walter, Fritz Walter e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Iugoslávia – *Beara, Stankovic e Horvat; Crnkovic, Cajkovski e Boskov; Milutinovic, Mitic, Vukas, Bobek e Zebec.*
Técnico: Aleksander Tirnanic
Juiz: Istvan Zsolt (Hungria)
Auxiliares: Franken (Bélgica) e Büchmuller (Suíça)

Só no contra-ataque

Este foi o jogo das quartas que despertou menos atenção. A expectativa era de que a Iugoslávia, mais técnica, passasse pela Alemanha. E o início da partida parecia mesmo demonstrar que isso aconteceria. Só aos 10 minutos o goleiro iugoslavo Vladimir Beara tocou na bola pela primeira vez, mas não do jeito que gostaria: teve de buscá-la no fundo das redes. Num cruzamento para a área, o zagueiro Horvat mandou a bola de cabeça contra a própria meta. A Iugoslávia dominou todo o resto do tempo e quase empatou. Mas por duas vezes a bola passou pelo goleiro alemão e Kohlmeyer salvou em cima da risca. Enquanto isso, a Alemanha só contra-atacava. Finalmente, a 4 minutos do fim, o ponteiro Helmut Rahn – que estreava na Copa – acertou um voleio de fora da área no ângulo direito de Beara. Para surpresa dos entendidos, a Iugoslávia voltou para casa.

O povo crê

Apesar da ameaça húngara, havia otimismo por aqui. Na semana do jogo, uma pesquisa do Ibope indicava que os cariocas acreditavam que a Seleção voltaria campeã do mundo. Os pobres acreditavam mais que os ricos (68% a 43%).

HUNGRIA 4 x 2 BRASIL

Data: 27 de junho de 1954, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Wankdorf, Berna
Público estimado: 40 000 pessoas
Gols: *Hidegkuti* (4), *Kocsis* (7) e *Djalma Santos* (pênalti, 18 do 1º); *Lantos* (pênalti, 15), *Julinho* (21) e *Kocsis* (43 do 2º).
Brasil – *Castilho, Djalma Santos e Pinheiro; Bauer, Brandãozinho e Nilton Santos; Julinho, Didi, Indio, Humberto e Maurinho.*
Técnico: Zezé Moreira
Hungria – *Grosics, Buzánski e Lóránt; Lantos, Bozsic e Zakariás; Jozsef Toth, Kocsis, Hidegkuti, Czibor e Mihaly Toth.*
Técnico: Gyula Mandi
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Ling (Inglaterra) e Wyssling (Suíça)

A Batalha de Berna

Dois dias antes do jogo, Zezé Moreira fez experiências no ataque, testando alternativas para a dupla titular, Baltazar e Pinga. Ninguém esperava que Baltazar – autor de 6 gols nas seis exibições anteriores do Brasil – pudesse sair do time. Mas foi o que aconteceu. E Pinga também foi sacado, aparentemente por seu físico franzino (1,64 metro, 66 quilos e chuteiras 39). Assim, Índio e Humberto foram escalados. E Rodrigues, machucado, deu lugar a Maurinho – um ponta-direita improvisado como ponta-esquerda. Nosso ataque era uma incógnita: nunca havia atuado junto. Mas a Hungria também tinha um problema sério: Puskás, o cérebro da equipe, estava lesionado. O técnico Gyula Mandi deslocou o ponteiro Czíbor para a meia e pôs o reserva Toth na esquerda. Diferentemente do dia anterior, quente e ensolarado, o domingo amanheceu chuvoso. Na hora do jogo não havia poças no gramado, mas ele estava escorregadio, o que dificultava tanto o toque de bola húngaro quanto os dribles brasileiros. O goleiro Castilho declarou anos depois que, além de nervoso, o Brasil entrou em campo "com as travas erradas nas chuteiras", o que provocou vários escorregões. Graças ao pré-aquecimento, a Hungria entrou arrasando. Logo aos 2 minutos, Pinheiro salvou em cima da risca, com Castilho batido. No lance seguinte, após um escanteio, o mesmo Pinheiro tentou sair driblando da área. Perdeu a bola e Hidegkuti, com um chute forte, abriu o placar. O Brasil nem teve tempo para se recuperar. Três minutos depois, a bola foi alçada para a área, a defesa parou e Kocsis acertou uma de suas cabeçadas bem colocadas: 2 x 0. Mas o Brasil não se desesperou e conseguiu equilibrar as ações. Sentindo a pressão, os húngaros passaram a apelar para o jogo duro e aos 14 minutos o zagueiro Lóránt levou a primeira advertência. Aos 18 minutos, Buzánski derrubou Índio na área: pênalti. Com uma calma incomum para a situação, Djalma Santos bateu à meia altura, rente à trave direita. No momento do lance, em que todas as atenções estavam voltadas para a área da Hungria, no meio do campo Hidegkuti passou por Brandãozinho e deu-lhe um biquinho na canela. O brasileiro foi atrás do adversário e derrubou-o com um exemplar safanão na orelha. O árbitro não viu e a Seleção, contrariando suas características, resolveu imitar a tática de carrinhos e encontrões (talvez inspirada também pelas cobranças por mais raça e mais valentia, que sempre eram feitas pela imprensa e pelos torcedores, desde outras Copas do Mundo).

AG. O GLOBO

Aos poucos, o jogo virou uma batalha. No fim do primeiro tempo, Toth foi ensanduichado por Nilton Santos e Pinheiro e saiu do gramado mancando. O intervalo não ajudou a esfriar os ânimos. Mas, aos 15 minutos, acossado por Kocsis, Pinheiro foi proteger a bola quase no bico direito da área pequena. Ela subiu e tocou na mão do zagueiro. O juiz, bem perto, assinalou o pênalti. A decisão rendeu a mister Ellis vários adjetivos nos jornais brasileiros do dia seguinte, sendo o mais brando "ladrão". O filme da partida não mostra o toque, mas mostra a reação do atleta com a melhor visão do lance, o goleiro Castilho, que olha longamente para Pinheiro depois que o juiz apita. Lantos bateu e fez 3 x 1. De novo, o Brasil ainda encontrou forças para pressionar e, 6 minutos mais tarde, Julinho marcou um dos gols mais bonitos da Copa: um chute de curva do bico esquerdo da grande área. Mas a violência persistia. Nilton Santos – um zagueiro cheio de estilo – e Bozsic – um médio que sabia tratar bem a bola – se estranharam, trocaram empurrões e pontapés e acabaram expulsos. Aos 40 minutos, num lance sem nenhum perigo na intermediária, Humberto deu uma voadora na perna de Lóránt e também foi para o chuveiro. Com nove em campo, o Brasil só agüentou mais 3 minutos. Kocsis, junto à trave esquerda de Castilho, marcou de cabeça o quarto gol. Em "escandaloso impedimento", segundo os dirigentes brasileiros. No relato de Zezé Moreira, Kocsis tinha saído para tomar água e voltou sem autorização do juiz. E, no momento em que retornava, totalmente fora de jogo, correu para a bola e cabeceou para o gol. Segundo o ponteiro Maurinho, Toth é que tinha saído de campo e, ao voltar (impedido), recebeu a bola e cruzou para a área. O Brasil deu a saída e o árbitro trilou o apito final. A Batalha de Berna terminou com 42 faltas marcadas, numa época em que a metade disso já era suficiente para classificar uma partida como violenta. O Brasil voltou para casa derrotado mais uma vez. E a Hungria seguiu para as quartas-de-final.

Milagres

O técnico Zezé Moreira decidiu isolar a Seleção durante 72 horas, para evitar o assédio da imprensa. Só os dirigentes puderam entrar na concentração, como se eles fossem ficar quietinhos... Após o treino de sexta-feira, o ministro Lyra Filho reuniu os jogadores e leu, em voz alta, vários telegramas que haviam chegado do Brasil – todos falando em patriotismo, honra e dignidade. E concluiu: "Façam milagres, mas derrotem os húngaros!"

Aquecimento

Enquanto os jogadores brasileiros ouviam a preleção no vestiário, os húngaros corriam na lateral do campo. Com esse aquecimento, entravam no gramado como se estivessem jogando há vários minutos, pegavam o oponente ainda frio e invariavelmente marcavam 1 ou 2 gols de cara.

Pancadaria

O jogo terminou, mas não as brigas. Na saída de campo, os jogadores continuaram a se estranhar, até que Maurinho deu um soco em Czíbor. Na confusão, o jornalista Paulo Planet Buarque derrubou um guarda suíço que estava tentando apartar as escaramuças (a foto saiu na capa da *Paris Match*). No túnel, Puskás abriu a testa de Pinheiro com uma garrafada. E Zezé Moreira atingiu o rosto de Guzstáv Sebes com uma chuteira. No dia seguinte, a Fifa lamentou o episódio, mas não puniu ninguém. No Brasil, os jornais não perdoaram: "Roubados no campo da luta!", bradou o jornal *Última Hora*. Em sua helvética neutralidade, o jornal suíço *Sport* ponderou que "as duas seleções cruzaram as fronteiras da boa conduta e nenhuma pode culpar a outra". Já o britânico *Daily Mail* sugeriu que a Fifa "impedisse o Brasil de participar de futuras competições".

Semifinais

Hungria, Uruguai, Áustria e Alemanha foram para um novo sorteio e a sorte brindou austríacos e alemães: ambos escaparam de enfrentar húngaros ou uruguaios e jogaram entre si para saber quem passaria à final. A outra partida foi batizada pela imprensa européia de "final prematura da Copa": Hungria x Uruguai. Ninguém duvidava que o vencedor seria o campeão do mundo – e a grande maioria continuava apostando na Hungria.

Os desfalques

Mais uma vez a Hungria atuou sem Puskás. Em compensação, o Uruguai não tinha três jogadores importantes: seu capitão e alma do time, Obdulio Varela, o ponta Abbadie, que não se recuperou das pancadas dos ingleses, e o centroavante Miguez, também machucado.

HUNGRIA 4 x 2 URUGUAI
(2 x 2 no tempo normal)

Data: 30 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Olympique La Pontaise, em Lausanne
Público estimado: 15 900 pessoas
Gols: *Kocsis* (12 do 1º); *Hidegkuti* (2) e *Hohberg* (31 e 41 do 2º); *Kocsis* (4 e 12 do 2º da prorrogação)
Hungria – *Grosics, Buzánski e Lóránt; Lantos, Bozsic e Zakariás; Budai, Kocsis, Palotas, Hidegkuti e Czibor.*
Técnico: Gyula Mandi
Uruguai – *Maspoli, Santamaría e William Martinez; Rodríguez Andrade, Carballo e Cruz; Souto, Ambrois, Hohberg, Schiaffino e Borges.*
Técnico: Juan Lopez
Juiz: Bryan Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Faultless (Escócia) e Vincenti (França)

30 minutos de pura arte

A Hungria, como já era tradição, marcou aos 12 minutos, mas não desequilibrou o jogo. As defesas estavam firmes e nem os ataques em massa dos húngaros nem as rápidas investidas uruguaias pelas pontas produziam muito perigo. No segundo tempo, novamente os craques magiares aproveitaram a primeira oportunidade e abriram 2 x 0 aos 2 minutos. Mas, ao contrário do que vinham fazendo desde 1950, os húngaros pararam de atacar. Aos poucos, o Uruguai assumiu o domínio das ações. Aos 31 minutos, Hohberg aproveitou um lançamento de Schiaffino e tocou na saída de Grosics. O gol acendeu o time, que abandonou a defesa e foi recompensado. Dez minutos depois, numa confusão na área húngara, Hohberg empatou. O cansaço e a emoção foram tão fortes que ele desmaiou e não voltou para os 4 minutos finais da partida. Os 30 minutos do tempo extra foram de pura arte e os dois times poderiam ter saído com a vitória. Hohberg acertou um chute na trave, mas quem decidiu foi Kocsis, com duas precisas cabeçadas. No fim, a torcida agradeceu pelo espetáculo acenando lenços. O Uruguai deixou o campo derrotado, mas com a honra intacta. E a Hungria seguiu para a final, para cumprir a profecia dos oráculos esportivos: tornar-se campeã mundial.

ALEMANHA 6 x 1 ÁUSTRIA
Data: 30 de junho de 1954, quarta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: St. Jakob, em Basiléia
Público estimado: 36 500 pessoas
Gols: *Schafer* (31 do 1º); *Morlock* (2), *Probst* (7), *Fritz Walter* (pênalti, 11), *Ottmar Walter* (16), *Fritz Walter* (pênalti, 20) e *Ottmar Walter* (44 do 2º)
Alemanha – *Turek, Posipal e Liebrich; Kohlmeyer, Eckel e Mai; Rahn, Morlock, Ottmar Walter, Fritz Walter e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Áustria – *Zeman, Hanappi e Happel; Schleger, Ocwirk e Koller; Robert Körner, Wagner, Stojaspal, Probst e Alfred Körner.*
Técnico: Walter Nausch
Juiz: Vincenzo Orlandini (Itália)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Büchmuller (Suíça)

A grande surpresa

Jogando de verde, seu uniforme número 2, a Alemanha repetiu no primeiro tempo a façanha do jogo anterior: mesmo dominada, virou vencendo por 1 x 0. Mas no segundo tempo as coisas mudaram. O técnico alemão avançou Fritz Walter para pressionar a defesa austríaca. A alteração surtiu efeito, graças a uma bela ajuda do goleiro Walter Zeman, cujo nervosismo contagiou toda a defesa (arqueiro do Rapid Viena, ele tinha sido o menos vazado nos Campeonatos Austríacos de 1951 a 1953, ficou no banco nos outros jogos da Copa e, na semifinal, entrou no lugar de Kurt Schmied e soltou várias bolas fáceis). Assim, ao fim de uma partida considerada "anormal", a Áustria foi para a disputa do terceiro lugar. E a Alemanha, surpreendentemente, estava na final.

Disputa do 3º lugar

ÁUSTRIA 3 x 1 URUGUAI
Data: 3 de julho de 1954, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: Hardturm, em Zurique
Público estimado: 17 500 pessoas
Gols: *Stojaspal* (pênalti, 16) e *Hohberg* (21 do 1º); *Cruz* (contra, 14) e *Ocwirk* (34 do 2º)
Áustria – *Schmied, Hanappi e Kollmann: Barschandt, Ocwirk e Koller; Robert Körner, Wagner, Dienst, Stojaspal e Probst.*
Técnico: Walter Nausch
Uruguai – *Maspoli, Santamaría e William Martinez; Rodríguez Andrade, Carballo e Cruz; Abbadie, Hohberg, Mendez, Schiaffino e Borges.*
Técnico: Juan Lopez
Juiz: Paul Wyssling (Suíça)
Auxiliares: Zsolt (Hungria) e Ellis (Inglaterra)

Só um quis ganhar

A Áustria entrou em campo disposta a ganhar, com três atacantes natos – Dienst, Stojaspal e Probst. Já o Uruguai mostrou que tinha sentido a derrota para a Hungria e atuou sem muito interesse. Para complicar, sua defesa não se comportou exatamente bem. Aos 16 minutos do primeiro tempo, depois de levar um drible de Dienst, William Martinez derrubou o austríaco e o juiz Wyssling marcou o pênalti sem titubear. Ernst Stojaspal bateu e fez 1 x 0. Cinco minutos depois, na única jogada que Schiaffino e Hohberg conseguiram criar na etapa inicial, o Uruguai empatou. Mas Cruz, no início do segundo tempo, colocou a bola contra seu próprio gol. Foi a gota d'água. Sem Obdulio Varela para acordar o time na base do grito, a Celeste se entregou de vez. Aos 34 minutos, Ocwirk, o melhor em campo, bateu Maspoli pela terceira vez e a Áustria pôde comemorar: tinha terminado a Copa na terceira colocação.

Voz dissonante

A história consagrou a derrota da Hungria em 1954 como uma monumental surpresa – bem maior que a derrota do Brasil para o Uruguai em 1950. Ao pisar em campo para enfrentar a Alemanha, os húngaros defendiam uma longa série invicta de 31 jogos. Além disso, nos quatro jogos disputados durante a Copa, haviam marcado 25 gols e sofrido 7 (e isso sem contar com Puskás, seu melhor jogador, nos duríssimos embates contra Brasil e Uruguai). A única voz dissonante sobre o favoritismo magiar era a de Jules Rimet. Recordando o que tinha visto no Maracanã em 1950, ele desconversava: "Não sei... a Copa do Mundo é cheia de surpresas".

Chuteiras novas

O clima também deu uma contribuição de última hora para os alemães: choveu uma barbaridade na manhã do jogo. A grama alta e o campo molhado reduziram a velocidade dos húngaros. Além disso, a Alemanha usava chuteiras com travas parafusadas e ajustáveis, recém-inventadas pelo fornecedor de material da Seleção, Adolf 'Adi' Dassler, fundador da Adidas. Fritz Walter, o craque germânico, também agradeceu o tempo nublado e úmido: na juventude, ele havia contraído malária e seu rendimento caía muito em dias de calor.

Final

ALEMANHA 3 x 2 HUNGRIA

Data: 4 de julho de 1954, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Wankdorf, em Berna
Público estimado: 42 000 pessoas
Gols: *Puskás* (6), *Czibor* (9), *Morlock* (11) e *Rahn* (18 do 1º); *Rahn* (39 do 2º)
Alemanha – *Turek, Posipal e Liebrich; Kohlmeyer, Eckel e Mai; Rahn, Morlock, Ottmar Walter, Fritz Walter e Schafer.*
Técnico: Sepp Herberger
Hungria – *Grosics, Buzánski e Lóránt; Lantos, Bozsic e Zakariás; Toth, Kocsis, Hidegkuti, Puskás e Czibor.*
Técnico: Gyula Mandi
Juiz: William Ling (Inglaterra)
Auxiliares: Orlandini (Itália) e Griffiths (País de Gales)

Paciência e correria

A Alemanha vinha crescendo a cada jogo. Vencera a favorita Iugoslávia nas quartas e eliminara a Áustria nas semifinais, com uma goleada arrasadora. Quando entrou no estádio Wankdorf para disputar a final, já era uma Seleção bem mais confiante. Do lado húngaro, o tornozelo de Puskás não estava totalmente curado, mas ele convenceu Guzstáv Sebes e Gyula Mandi de que tinha condições para agüentar o repuxo, até porque aquilo era exatamente o que Sebes queria ouvir. O jogo começou e a torcida logo sacou a tática alemã. Enquanto Fritz Walter – no papel, um atacante – recuava para o próprio campo, o médio Eckel acompanhava Hidegkuti por todo o gramado. No vigor de seus 22 anos, oito a menos que o húngaro, Eckel cumpriu até o último minuto a missão que lhe foi confiada: não permitir que Hidegkuti pensasse. Mas a Hungria tinha a seu favor o pré-aquecimento e, como sempre, saiu marcando. Em menos de 10 minutos, já vencia por 2 x 0, como a confirmar as previsões de que ganharia com tranqüilidade. Mas a Alemanha reagiu rápido e igualou o marcador em apenas 7 minutos. Nenhum húngaro reclamou da aparente falta sobre Grosics no gol de empate por um simples motivo: eles nunca reclamavam do juiz. A autoconfiança era tanta que qualquer eventual erro da arbitragem era logo compensado com uma enxurrada de gols. Mas não foi o que aconteceu. Os alemães já tinham encontrado seu posicionamento em campo e o goleiro Turek acabou virando a grande figura da partida. A tática de Sepp Herberger era a da paciência: defender e esperar a chance de um contra-ataque. E, aos poucos, a Hungria mostrou os efeitos do desgaste físico provocado pelos duríssimos confrontos com Brasil e Uruguai – este, com prorrogação. Preocupados, os húngaros diminuíram o ritmo, preservando-se para uma nova prorrogação. Mas os alemães continuavam correndo como se o jogo tivesse acabado de começar (o que levantaria suspeitas de doping, como se pode ver no quadro da página 43). E a oportunidade de um contra-ataque chegou. Rahn fez 3 x 2 faltando apenas 6 minutos para o final do confronto. A Hungria ainda teve duas chances de empatar. Numa delas, Turek fez uma defesa impossível num chute de Czibor à queima-roupa (e o locutor da rádio alemã, Herbert Zimmermann, deixou de lado o tom metódico e berrou ao microfone: "Toni, você é um deus do futebol!"). Na outra, aos 43 minutos, Puskás colocou a bola nas redes, mas o bandeirinha marcou impedimento. Para surpresa geral, a Alemanha era campeã do mundo de 1954.

Sorrisos: antes do jogo, poucos apostavam que a Alemanha pudesse ganhar

O início da histórica virada: Morlock, de carrinho, marca o primeiro gol do time alemão

Os gols da final

HUNGRIA 1 x 0 - Para provar que seu tornozelo estava curado, Puskás abriu o marcador logo aos 6 minutos num chute cruzado e rasteiro da meia esquerda, depois que a bola lançada por Kocsis desviou em Liebrich e sobrou limpa para o craque húngaro.
HUNGRIA 2 x 0 - Apenas 3 minutos depois a defesa alemã tomou 1 gol meio varzeano. Kohlmeyer protegia uma bola fácil para Turek sair do gol e fazer a defesa. Aí, os dois trombaram, a pelota escapou das mãos do goleiro e Czibor, que acompanhava a jogada de perto, só teve o trabalho de concluir para o arco vazio.
ALEMANHA 1 x 2 - Para sorte dos alemães, já no ataque seguinte um chute de Rahn, deslocado pela esquerda, espirrou em Lóránt e a bola sobrou mansinha dentro da área húngara. Grosics saiu do gol, mas Morlock, de carrinho, conseguiu chegar uma fração de segundo antes do goleiro e desviar para o canto direito.
ALEMANHA 2 x 2 - Antes que a Hungria conseguisse criar alguma nova jogada de perigo, a Alemanha empatou. O cronômetro marcava 18 minutos do primeiro tempo. Num escanteio da esquerda, batido por Fritz Walter, Grosics saiu do gol para socar a bola, que vinha pelo alto. Mas Schafer saltou junto e o braço estendido do alemão impediu o goleiro de chegar no lance. Atrás dos dois, Rahn emendou de primeira, sem muito ângulo, e colocou a redonda no fundo da rede.
ALEMANHA 3 x 2 - Aos 39 minutos do segundo tempo, Schafer recuperou uma bola no meio do campo, correu pela esquerda e cruzou para a área, onde estavam os húngaros Lantos e Zakariás e os alemães Morlock e Ottmar Walter. Os quatro saltaram juntos e a pelota sobrou limpa para Rahn, que vinha de trás, sozinho, pela meia direita. Rahn teve tempo para dominar, driblar Lantos e, quase da risca da grande área, desferir um chute rasteiro, no canto direito de Grosics, que chegou um palmo atrasado. Por um momento, a platéia custou a acreditar: a Alemanha estava, mesmo, ganhando por 3 x 2. E o jogo terminou assim. Os alemães haviam derrotado a invencível máquina húngara. O jornalista Willi Meisl – irmão de Hugo Meisl, o criador do *Wunderteam* austríaco dos anos 1930 – classificou o resultado da final como "um erro jurídico dos céus". E uma avaliação sintética e precisa foi feita pelo jornalista José Amádio na revista *O Cruzeiro*: "A Hungria merecia ganhar a Copa. Mas a Alemanha mereceu ganhar o jogo. E o jogo valia a Copa".

Números

ARTILHEIRO
O húngaro Sándor Kocsis, 24 anos, nascido em Budapeste em 21 de setembro de 1929, foi o artilheiro da Copa de 1954, que teve a melhor média de gols até hoje: 5,4 por jogo. Em 26 partidas foram marcados 140 gols, 11 deles de Kocsis. Pela Seleção, Kocsis disputou 68 jogos e fez 75 gols. Em 1956, após decidir se auto-exilar da Hungria, passou pelo Young Fellows de Zurique, na Suíça, e em seguida assinou com o Barcelona. Tinha 37 anos quando encerrou a carreira no clube espanhol. E sua vida teve um triste fim. Vítima de depressão durante o tratamento de um câncer, Kocsis se atirou da janela do hospital no dia 22 de julho de 1979.

PÚBLICO
Se os estádios tivessem tido lotação máxima nas 26 partidas, o público teria alcançado 651 000 pessoas. Mas ele ficou em 575 000, ou espantosos 88,3% da capacidade total. O menor estádio, o Cornaredo, em Lugano (15 000 torcedores), só foi usado uma vez. Já o menor de todos, o des Charmilles, em Genebra (para apenas 9 300 espectadores), recebeu quatro jogos.

Os campeões

Depois de vários dias desfilando e recebendo homenagens por toda a Alemanha, cada jogador recebeu um prêmio de 2 200 marcos pela conquista do título mundial de 1954

A Alemanha campeã do mundo em 1954 tinha uma Seleção experiente, com média de idade superior a 28 anos. Sua base era o Kaiserslautern, que cedeu cinco atletas para o time titular. Os outros seis eram cada um de um time diferente: Fortuna Düsseldorf, Hamburgo, Fürth, Essen, Nürnberg e Köln. Confira aqui um breve perfil dos heróis alemães, que contrariaram toda a lógica do futebol e derrotaram a favoritíssima Hungria naquela tarde de 4 de julho de 1954, um jogo que ficou conhecido como o Milagre de Berna.

»Anton 'Toni' Turek, *35 anos* (18 de janeiro de 1919), do Fortuna Düsseldorf. O goleiro alemão, natural de Duisburg, era o jogador mais velho em ação na Copa de 1954. Estreou na Seleção em 1950, aos 31 anos, e disputou 20 partidas pela Alemanha (a final contra a Hungria foi a penúltima delas). Encerrou a carreira em 1956, atuando pelo Borussia Mönchengladbach. Morreu em 11 de maio de 1984, aos 65 anos.

»Josef 'Jupp' Posipal, *27 anos* (20 de junho de 1927), do Hamburgo SV. Zagueiro, nasceu em Lugoj (Romênia). Embora tenha se mudado ainda criança para a Alemanha e iniciado a carreira em 1944, no Hannover, só em 1950 conseguiu a cidadania germânica. Pela Seleção, fez 32 jogos entre 1951 e 1956 e marcou 1 gol. Morreu em 21 de fevereiro de 1997, aos 69 anos.

»Werner Kohlmeyer, *30 anos* (19 de abril de 1924), do Kaiserslautern. Nasceu em Kaiserslautern e disputou 22 partidas como zagueiro da Seleção entre 1951 e 1955. Era mais conhecido pelo porte físico avantajado e pela disposição do que pela técnica, considerada bastante rudimentar. Após encerrar a carreira, em 1960, tornou-se alcoólatra, e foi o primeiro dos campeões a morrer, em 26 de março de 1974, pouco antes de completar 50 anos de idade.

»Horst Eckel, *22 anos* (8 de fevereiro de 1932), do Kaiserslautern. O lateral-direito era o jogador mais jovem da equipe. Nascido em Vogelbach, atuou 32 vezes pela Alemanha e participou também da Copa de 1958. Na década de 1950, foi dirigente de uma associação dedicada a reintegrar judeus à sociedade alemã. Após encerrar a carreira, em 1966, tornou-se professor.

»Werner Liebrich, *27 anos* (18 de janeiro de 1927), do Kaiserslautern. Natural de Kaiserslautern, o médio era considerado o mais clássico dos atletas alemães de 1954. Foi um dos primeiros a exercer, com técnica e competência, a função de líbero. Começou no time de sua cidade natal aos 8 anos e ali ficou até encerrar a carreira, em 1962. Disputou 16 jogos pela Seleção e morreu em 20 de março de 1995, aos 68 anos.

»Karl Mai, *25 anos* (27 de julho de 1928), do SV Greuther Fürth. O lateral-esquerdo nasceu em Fürth. Depois da Copa, transferiu-se para o Bayern de Munique (em 1958). Três anos mais tarde, seguiu para o Young Fellows, da Suíça. E pendurou as chuteiras no FC Dornbirn, da Áustria, em 1963. Fez 21 jogos pela Seleção Alemã e marcou 1 gol. Morreu no dia 15 de março de 1993, quando tinha 64 anos.

»Helmut Rahn, *24 anos* (16 de agosto de 1929), do Rot Weiss Essen. Apelidado de Der Boss, o Chefe, nasceu em Essen e entre 1951 e 1960 disputou 40 jogos pela Alemanha, marcando 21 gols. Curiosamente, sua média de gols em Copas é muito melhor: 1 por partida (4 em 1954 e 6 em 1958). Foi o primeiro alemão a atuar em outro país (na Holanda, pelo Twente Eschede). Seu último clube foi o MSV Duisburg, pelo qual jogou até 1965. O atacante morreu em 20 de agosto de 2003, quatro dias após completar 74 anos.

»Friedrich 'Fritz' Walter, *33 anos* (30 de outubro de 1920), do Kaiserslautern. Era o cérebro e o coração do Kaiserslautern, clube que dominou o futebol alemão na primeira metade dos anos 1950. O estiloso meia disputou 61 partidas pela Seleção e é o terceiro maior artilheiro de sua história, com 33 gols (perde apenas para Uwe Seeler e Gerd Müller). Em 1958, aos 38 anos, ainda teve fôlego para comandar a Alemanha na Copa da Suécia. Morreu em 17 de junho de 2002, aos 81 anos.

»Ottmar Walter, *30 anos* (6 de março de 1924), do Kaiserslautern. Irmão mais jovem de Fritz Walter, fez 21 partidas e marcou 10 gols pela Seleção. Foi também o maior artilheiro da história de seu clube, pelo qual marcou 295 gols em 275 jogos do Campeonato Alemão. Em 2004, quando fez 80 anos, a Federação Alemã prestou-lhe uma emocionada homenagem, concedendo-lhe a Cruz do Mérito, a mais alta (e rara) honraria do futebol germânico.

»Maximilian 'Max' Morlock, *29 anos* (11 de maio de 1925), do FC Nürnberg. Nasceu em Gleishammer e tem um histórico incrível de amor a um clube: dos 13 aos 39 anos (do infantil ao profissional), entrou em campo mais de 900 vezes com a camisa do Nürnberg e fez perto de 700 gols. No auge da fama, o atacante recusou propostas para se transferir para clubes italianos e espanhóis. Pela Seleção Alemã, marcou 21 gols em 26 confrontos – um deles crucial, o primeiro da final de 1954 contra a Hungria. Morreu em 10 de setembro de 1994, aos 69 anos.

»Hans Schafer, *26 anos* (19 de outubro de 1927), do FC Köln. Era um ponteiro-direito famoso pela velocidade e pelo fôlego. Foi quatro vezes campeão alemão pelo Köln. Entre 1952 e 1962, participou de 39 jogos e fez 15 gols pela Seleção. Atuou também nas Copas de 1958 e 1962.

»Joseph 'Sepp' Herberger, *57 anos* (28 de março de 1897). O técnico campeão do mundo nasceu em Mannheim. Como jogador, atuou pelo time de sua cidade, o Waldhof, e vestiu três vezes a camisa alemã na década de 1920. Em 1930, tornou-se treinador e em 1936, aos 39 anos, passou a dirigir a Seleção. Ficou até agosto de 1962 (172 partidas). Seus cadernos de anotações viraram folclore. Neles, dizia-se, Herberger anotava todos os detalhes do estilo de jogo dos oponentes e as características dos atletas adversários. Morreu em 28 de abril de 1977, aos 80 anos, poucas horas depois de ver a Alemanha golear a Irlanda do Norte por 5 x 0.

DE OLHO NA TAÇA

Foi doping ou vitamina C?

Debaixo de uma garoa fininha, Jules Rimet entregou a taça de campeão do mundo de futebol para Fritz Walter, o capitão da Alemanha. Horas depois, quando o estádio Wankdorf já estava vazio, um dos responsáveis pela manutenção (o suíço Walter Brönnimann) tentava desentupir os ralos do vestiário alemão e encontrou a causa do problema: ampolas vazias. Brönnimann, que só tornou o fato público muitos anos depois, forneceu a prova material para uma suspeita que os húngaros levantaram logo após o jogo: os adversários tinham corrido demais, anormalmente demais. A suspeita manteve-se bem viva porque logo depois da Copa vários atletas germânicos foram diagnosticados como acometidos por uma epidemia não esclarecida – e alguns ficaram quase um ano sem voltar aos gramados.

Em março de 2004, o canal de televisão alemão ARD, num documentário comemorativo aos 50 anos da conquista de 1954, concluiu que parte dos jogadores havia mesmo tomado estimulantes. E o explosivo assunto virou manchete no maior jornal do país, o *Bild*. O médico da Seleção de 1954, Franz Loogan, já com 88 anos, veio a público declarar que havia injetado vitamina C e glicose nos atletas, mas que nenhuma das duas substâncias podia ser considerada doping. Os húngaros não engoliram o desmentido. Para eles, foi o combustível extra que garantiu a surpreendente vitória tedesca. De qualquer forma, é complicado falar em doping numa época em que não existiam exames para detectar drogas ilícitas no sangue e na urina.

Até hoje aquela Seleção da Hungria é retratada como uma das mais brilhantes que o futebol já produziu. Mas, infelizmente, a era dos Magníficos Magiares durou apenas mais dois anos. Em 4 de novembro de 1956, para abafar uma tentativa dos cidadãos húngaros de conseguir mais autonomia política, os tanques da União Soviética invadiram Budapeste. Naquele momento, o Honvéd estava na Espanha, onde jogaria com o Athletic Bilbao, e alguns craques (entre eles Puskás, Kocsis e Czibor) decidiram não voltar para casa. Depois de disputar amistosos com os foragidos do Honvéd pelo mundo afora – incluindo o Brasil, em 1957 – Puskás acabou no Real Madrid e Kocsis e Czibor assinaram com o Barcelona. Nunca ninguém pensou em tirar o troféu dos alemães, mas a conquista de 1954 ficou com um gostinho amargo na boca de muita gente.

De Gegê a Pelé

Nem bem o torcedor tinha se refeito de mais um fracasso no Mundial e duas notícias abalaram o país: a derrota de Marta Rocha no Miss Universo e o suicídio de Getúlio Vargas. Em meio a trocas de técnicos, levou um bom tempo para o futebol nacional reencontrar o caminho, nos pés de um certo atacante

O avião que trouxe a Seleção de volta ao Brasil pousou no aeroporto do Galeão no sábado, 3 de julho, à 1 da madrugada. E os jogadores foram recebidos como heróis, enquanto os dirigentes passaram 45 minutos na esteira de inspeção e tiveram de pagar 200 000 cruzeiros de excesso de bagagem. No dia seguinte, entretanto, começaram as críticas. Para a *Tribuna da Imprensa*, os 5 milhões de cruzeiros cedidos ao Conselho Nacional de Desportos, que antes da Copa eram classificados como "indispensáveis", passaram a ser "o dinheiro do povo que foi queimado na Suíça". Para a revista *O Cruzeiro*, "o Brasil gastou 7 milhões de cruzeiros para ganhar do México". Mas isso não era nada comparado às duas más notícias que sacudiriam o país nos dias seguintes.

1) Em 23 de julho, enfrentando 34 concorrentes, uma fulgurante baiana de Salvador, Maria Marta Hacker Rocha, de 21 aninhos, perdeu a coroa de Miss Universo, em Long Beach, na Califórnia, e ficou apenas em segundo lugar no concurso de beleza. Embora isso nunca tenha sido dito oficialmente pelos jurados, a derrota foi atribuída ao *derrière* de Marta Rocha, um pouco mais largo do que ditava o padrão da época. A vencedora – Miriam Stevenson, Miss Estados Unidos – tinha 91 centímetros de quadris, enquanto as gloriosas ancas de Marta mediam 97 centímetros. O golpe imperialista contra o tchan nacional rendeu enérgicos protestos populares, além de uma marchinha de Carnaval, composta por Pedro Caetano e Carlos Renato e cantada pela própria Miss derrotada: "Por duas polegadas a mais / Passaram a baiana pra trás / Por duas polegadas / E logo nos quadris / Tem dó, tem dó, seu juiz".

2) Às 8h35 da manhã de 24 de agosto, terça-feira, veio a pior notícia do ano: o presidente **Getúlio Vargas**, o Gegê, tinha se suicidado com um tiro no peito, em seus aposentos no Palácio do Catete, sede do governo, no Rio. Encerrava-se assim, de forma trágica, um conturbado período de graves escândalos políticos protagonizados nem tanto pelo próprio Getúlio, mas por membros de seu gabinete. Uma reunião ministerial havia invadido boa parte da madrugada, mas apenas duas horas antes do suicídio o quadro geral do país parecia resolvido, tanto que o chefe da Casa Civil, Lourival Fontes (que tinha liderado a delegação brasileira na Copa de 1938), declarara à imprensa: "A situação é normal, a crise está superada e tudo está calmo".

A Seleção sem rumo

Num ano de más notícias, o futebol brasileiro iniciou um novo e penoso ciclo de questionamentos e reflexões. E o povo ficou com duas alternativas: acreditar nas palavras dos dirigentes, que diziam que tínhamos sido descaradamente roubado pelos juízes em três Copas (1934, 1938 e 1954), ou atribuir as derrotas a outros fatores, entre eles a incompetência dos próprios cartolas. Mas uma nova e estranha teoria começou a ganhar força: o problema talvez fosse genético. Segundo essa divagação, a mistura de raças que formou o povo brasileiro teria criado jogadores habilidosos, mas incapazes de suportar pressões.

Em 1955, o Brasil jogou quatro vezes e teve um técnico diferente em cada partida. Em 1956, a CBD promoveu a pri-

AG. O GLOBO

Da vida para a história: o corpo de Getúlio (na flecha, o lugar por onde entrou a bala)

Getúlio Dornelles Vargas é um dos personagens mais importantes da história política recente do Brasil. No dia 1º de março de 1930, ele concorreu a presidente contra o paulista Julio Prestes e perdeu. Em outubro, porém, liderou uma revolução que o levou ao poder. Tomou posse como chefe do governo provisório em 3 de novembro e apenas oito dias mais tarde dissolveu o Congresso, dando início a uma ditadura que se estenderia por 15 anos. Deposto em 1945, exilou-se em sua fazenda, na gaúcha São Borja. Até que, no dia 19 de agosto de 1950, resolveu lançar sua candidatura à presidência. E menos de dois meses depois, em 3 de outubro, reelegeu-se com 49% dos votos. As denúncias de corrupção e as acusações de que estava por trás de crimes e atentados contra adversários políticos consumiram seu governo. Antes de se matar, Getúlio deixou uma carta-testamento, em que escreveu a famosa frase "Saio da vida para entrar na história".

meira excursão da Seleção à Europa, com o controvertido Flávio Costa como treinador. O objetivo era dar "experiência internacional" aos novos convocados. Em sete partidas, ganhamos três (1 x 0 em Portugal, 3 x 2 na Áustria e 1 x 0 na Turquia), empatamos duas (1 x 1 com a Suíça e 0 x 0 com a Tchecoslováquia) e perdemos outras duas (0 x 3 para a Itália e 2 x 4 para a Inglaterra, num jogo em que o goleiro Gilmar ainda defendeu dois pênaltis). O saldo não era exatamente animador e, na volta, Flávio Costa foi recebido sob a suspeita de estar ultrapassado. Uma derrota para a Tchecoslováquia (1 x 0 em agosto de 1956, num amistoso no Maracanã) foi a gota d'água: mesmo vencendo o jogo seguinte contra os tchecos, no Pacaembu, por 4 x 1, ele foi dispensado.

A Seleção foi então entregue a Oswaldo Brandão, de 41 anos, gaúcho de Taquara. Campeão paulista pelo Palmeiras em 1948 (ano de sua estréia como técnico), ele havia formado o ótimo time da Portuguesa vencedor do Torneio Rio-São Paulo de 1952 e depois se transferira para o Corinthians, pelo qual ganhou o bi do Rio-São Paulo em 1953 e 1954, além do título paulista do quarto centenário, em 1954. Mas o principal é que

SÉRGIO SBRAGIA

A Seleção Brasileira em 1955: em quatro jogos, foram quatro treinadores diferentes

O BRASILEIRO DA COPA

O raio que barrou Mané

JULINHO BOTELHO É UM MITO DA FIORENTINA E DO PALMEIRAS – E TAMBÉM DA SELEÇÃO

Alguns jogadores nascem para momentos de glória. Para partidas que viram lendas. Julinho Botelho viveu seu dia de lenda em 13 de maio de 1959. Vestindo a camisa 7 da Seleção Brasileira, ele se prepara para subir a escada do Maracanã.

O jogo é um amistoso com a Seleção Inglesa. O vozeirão do locutor do Maraca ecoa a escalação: "Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando Peçanha, Nilton Santos, Dino Sani, Didi, Julinho..." E depois do nome de Julinho, o locutor dá uma pausa. Ondas de som em fúria entopem o túnel que leva do vestiário ao céu aberto e 100 000 pessoas urram, vaiam, batem os pés no chão, berram: "Mané! Mané! Mané!". Após dois minutos, o lucutor completa a escalação do técnico Feola: "...Henrique, Pelé e Canhoteiro!"

Mané Garrincha era o titular absoluto, uma atração artística. A torcida carioca não ia aceitar que o paulistano da Penha substituísse o gênio das pernas tortas. Julinho não se abate. Jura ao colega Nilton Santos que vai jogar muito bem. Sobe a escada esmagado pelas 100 000 vozes de protesto.

Filho de portugueses, Julinho Botelho nasceu no bairro da Penha, em São Paulo, em 29 de julho de 1929. Aos 21 anos, sua incrível velocidade o levou para o Juventus. Magrinho e narigudo, em 1951 estava na Portuguesa. Encantados, italianos o levaram à Fiorentina em 1955. Por três anos, foi ídolo em Florença, onde ajudou o time a ganhar o primeiro título italiano, em 1956. Em 1958, foi convocado para a Seleção Brasileira que faria história na Suécia. Mas recusou. Disse que não seria justo participar enquanto jogasse no exterior. Com saudade da Penha, Julinho volta ao Brasil em 1958, para o time que marcaria o resto da sua carreira: o Palmeiras.

Julinho comemora gol contra o Paraguai, nas eliminatórias de 1954: destaque na Suíça

Em 1995, a Fiorentina convida Julinho para comemorar 40 anos do primeiro *scudetto*. Na festa, é aplaudido de pé. Tantas homenagens não foram muito úteis quando em 2003 Julinho Botelho precisou (e não conseguiu) de 25 000 reais para instalar um marca-passo. Não estava na miséria. Mas também não tinha apoio de ninguém fora de sua família para enfrentar problemas cardíacos. Um derrame cerebral derrubou-o. No dia 19 de janeiro de 2003, Julinho sonha seu último sonho no leito de morte. Está de volta ao Maracanã, naquela tarde de maio de 1959. O juiz apita e começa a partida.

Em 3 minutos, Canhoteiro domina na esquerda e passa para Henrique. Este toca para Julinho, que chega no embalo. Tasca uma bomba na direção do goleiro Hopkinson. As 100 000 vozes que vaiavam agora gritam gol. E tinha mais. Aos 29 do mesmo primeiro tempo, Julinho dispara, dribla Armfield duas vezes, engana Flowers e cruza. Henrique marca de carrinho. Ao final do jogo, as mesmas 100 000 pessoas aplaudiam de pé o substituto de Mané Garrincha. Dois minutos de aplausos para apagar os dois de vaia. Julinho Botelho sorri.

DAGOMIR MARQUEZI

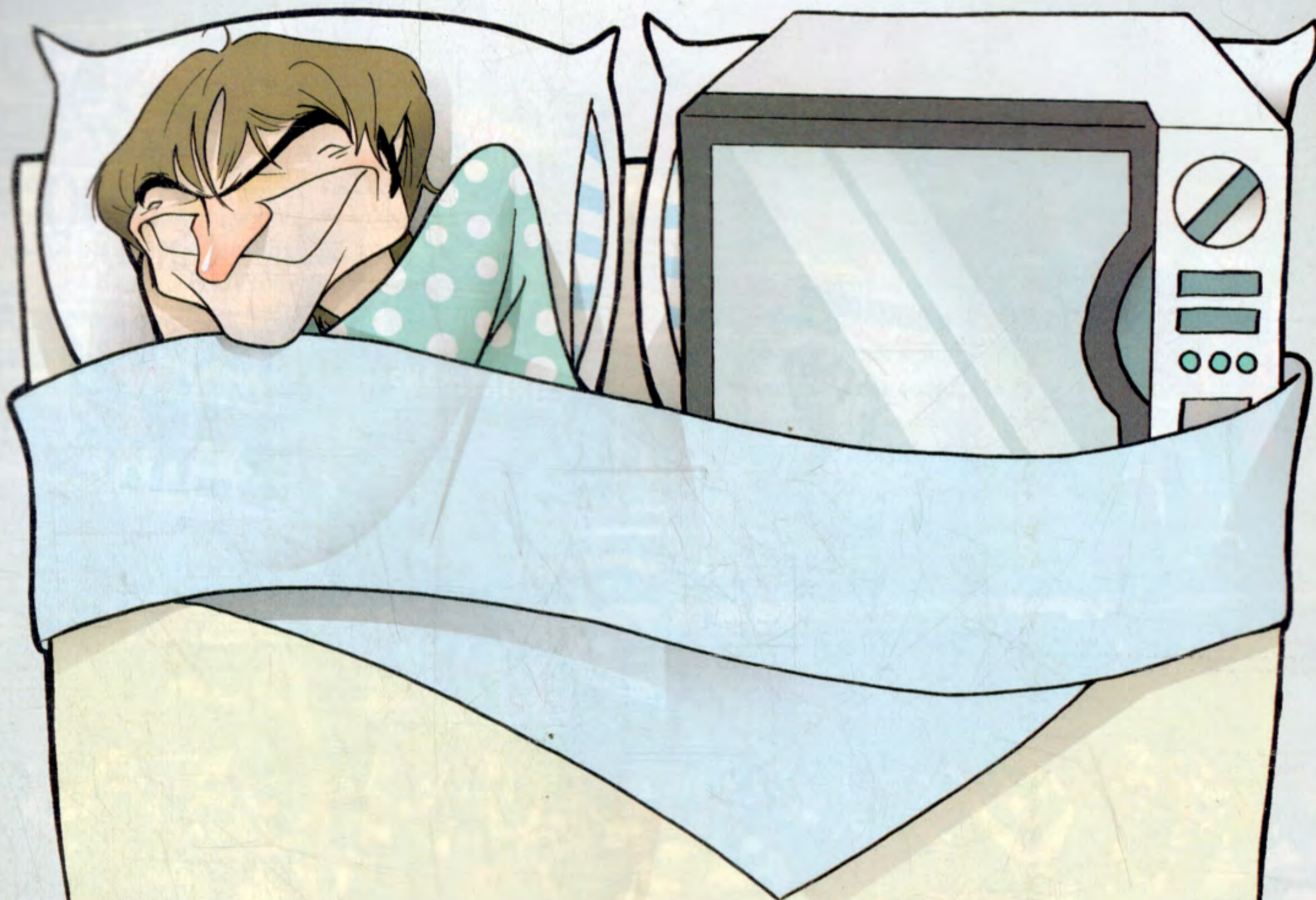
o carismático treinador tinha dado ao esquadrão corintiano (conhecido como o "time das viradas") o que o Brasil mais precisava: garra e capacidade de superação.

Brandão foi o primeiro, desde 1914, a dirigir a Seleção principal sem ter construído carreira no futebol carioca. Só que, à frente do escrete verde-amarelo, não fez jus à fama. Começou com uma má participação no Sul-Americano de 1957 – quando fomos derrotados por Uruguai e Argentina – e conseguiu, a duras penas, cumprir o dever de classificar o Brasil para a Copa de 1958, com um empate e uma vitória magra contra o Peru nas eliminatórias, em abril de 1957. A CBD achou que era pouco.

Saiu Brandão e entrou Silvio Pirilo, também gaúcho (de Porto Alegre), e também com 41 anos. Como técnico, Pirilo havia conquistado um único troféu: o Rio-São Paulo de 1957, pelo Fluminense. Além disso, dirigira a Seleção Carioca que, em 1956, havia vencido os paulistas por 4 x 0 no Maracanã. Pirilo até começou bem (duas vitórias sobre Portugal em amistosos no Rio e em São Paulo), mas derrapou no verdadeiro teste: perdeu para a Argentina, no Maracanã, por 2 x 1. Apesar da reabilitação no jogo seguinte, que garantiu a Copa Roca para o Brasil, Pirilo também dançou.

O Brasil continuava tateando. Porém, embora ninguém pudesse fazer tal previsão, foi exatamente na derrota para a Argentina – em 7 de julho de 1957 – que a Seleção começou a viver os 13 anos mais luminosos de sua existência até hoje. Quando o escrete verde-amarelo voltou dos vestiários para o segundo tempo, já perdendo por 1 x 0, o serviço de alto-falantes do Maracanã anunciou, naquele tom bem pausado de locutor de estádio: "Atenção... Alteração no Brasil... Sai... Del Vecchio... Número 9.... Entra... Pelé... Número 13."

Hot Pocket® Sadia tem 4 novos sabores. Você e o microondas vão ser inseparáveis.

W/Brasil

Hot Pocket® é o lanche para microondas da Sadia. Fica pronto em dois minutos, direto do freezer para o microondas. Sai quentinho, douradinho, delicioso. E agora tem 4 novos sabores: Calabresa com Requeijão, Quatro Queijos, Palmito e Peito de Peru com Requeijão. Hot Pocket® Sadia. Melhor que feito na hora, é feito em minutos.

www.hotpocket.com.br